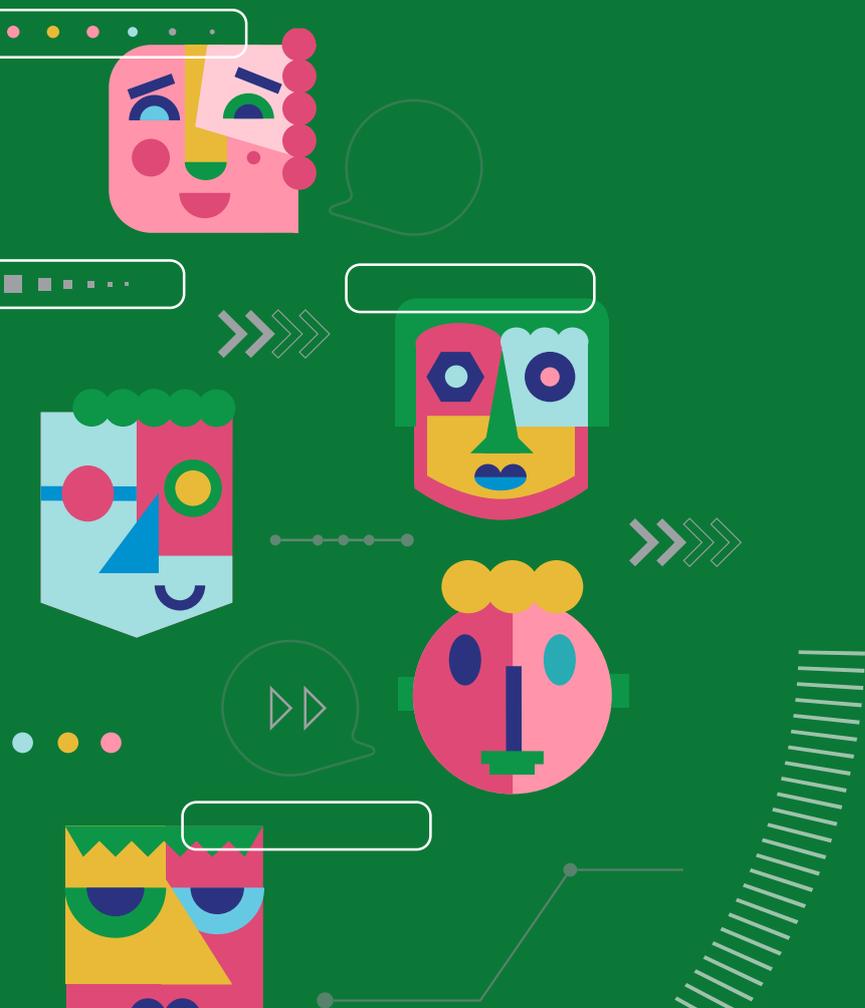




3

ENCONTRO DOS PRINCIPAIS ATORES DA EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO

Gerando referências:
Diversidade sexual e de gênero
no contexto educacional



**RELATORIA DO 3º ENCONTRO DOS PRINCIPAIS ATORES
DA EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO**
GERANDO REFERÊNCIAS: DIVERSIDADE SEXUAL
E DE GÊNERO NO CONTEXTO EDUCACIONAL

© Red Iberoamericana de Educación LGBTI (RIE – LGBTI)

Secretaría Técnica alojada en:

© Centro de Promoción y Defensa de los Derechos Sexuales y Reproductivos (PROMSEX)

Av. José Pardo 601, oficina 604 Miraflores. Lima – Perú

Teléfono: (51) (1) 447 8668/ Fax: (51) (1) 243 04660

<http://educacionlgbti.org/>

<https://www.facebook.com/EducacionLGBTI>

Coordenação da publicação: George Hale García

Relator: Daniel Henrique De Oliveira Silva

daniel.hos@hotmail.com

Correção de estilo e cuidados com a edição: Daniel Henrique de Oliveira Silva,
George Hale García

Design e layout: Armo's & Company

Imagens: Capturas de tela durante o 3º Encontro da RIE-LGBTI e Armo's & Company

Av. José Pardo 601 oficina 604 Miraflores

Lima – Perú

1ª edição - novembro de 2020

Sumário

Programação	4
Perguntas	6
Introdução	8
Relatoria	9
Dia 01. 26 de novembro de 2020, quinta-feira	9
Dia 02. 27 de novembro de 2020, sexta-feira	25
Dia 03. 28 de novembro de 2020, sábado	43
Considerações	43



Programação



Sessão

Aprendizagem Compartilhada sem Receitas

Experiências e estratégias na prática transpedagógica na Ibero-América

(Relacionamento com alunos, sindicatos, associações familiares nas escolas)

BOAS – VINDAS

- José María Núñez e Silvia Tostado Calvo (Fundação Triângulo, Espanha)
- Amelia Molero Frago (Deputada para as Políticas Sociais, Igualdade, Participação e Atenção Cidadã, Representante do Conselho Provincial de Cáceres)
- Víctor Madrigal-Borloz (Especialista Independente das Nações Unidas em orientação sexual e identidade de gênero)

DESENVOLVIMENTO

Facilitação:

Thomas Nader (TODXS, Brasil)

Palestrantes:

- Lucas Platero Méndez (Pesquisadora sobre sexualidade e interseccionalidade em políticas públicas, Espanha)
- Jaqueline Gomes de Jesus (Instituto Federal do Rio de Janeiro -IFRJ, Brasil)
- Tamara Adrián (Diputada, Docente universitaria de derecho, Venezuela)

TRABALHO EM GRUPOS

Encerramento: Ramón Gómez (MOVILH, Chile)



Sessão

Enfrentando obstáculos

Violência e desafios no exercício pessoal do ensino trans na Ibero-América

(Experiências de pesquisa Brasil, Uruguai, Bolívia e Chile, no contexto COVID)

BOAS – VINDAS

- Hernando Muñoz (Colômbia Diversa, Colômbia)
- Mary Guinn Delaney (UNESCO, Chile)

PESQUISA NO ÂMBITO DA RIE

- Collette Spinetti (CTU, Uruguai)
- Sayonara Nogueira (IBTE, Brasil)

DESENVOLVIMENTO

Facilitadora:

- Sayonara Nogueira (IBTE, Brasil)

Palestrantes:

- Alba Rueda (Ministerio de Mujeres, Género y Diversidad, Argentina)
- Alex Castillo (Fondo Internacional de personas Trans FIT, Guatemala)

TRABALHO EM GRUPOS

Encerramento: María Victoria Tavieres Castro (100% Diversidade e Direitos, Argentina).


Sessão

A carreira de suas vidas no sistema educacional

Pontos fortes e oportunidades na prática profissional do ensino trans na Ibero-América

BOAS – VINDAS

- Lidia Delgado (Fundación Triángulo, Espanha)
- Comissária Flávia Piovesan (Relatora sobre os direitos das pessoas LGBTI da CIDH, Brasil)

DESENVOLVIMENTO

Facilitação:

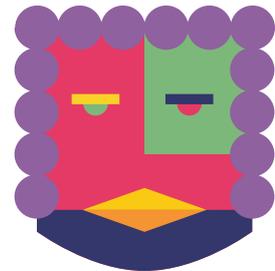
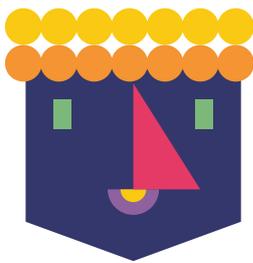
- Collete Spinetti (CTU, Uruguai)

Palestrantes:

- Bruno Montenegro (Fraternidad Trans Masculina, Perú)
- Dayanna Louise (Unidade de Relações de Gênero e Sexualidade do Ministério da Educação e Esportes de Pernambuco, Brasil)
- Sayonara Nogueira (IBTE, Brasil)

TRABALHO EM GRUPOS

Encerramento: George Hale (Secretaría Ejecutiva RIE-LGBTI, Promsex, Perú).



Perguntas



Sessão

Aprendizagem Compartilhada sem Receitas

Experiências e estratégias na prática transpedagógica na Ibero-América

(Relacionamento com alunos, sindicatos, associações familiares nas escolas)

Diálogo com os palestrantes, questões a serem abordadas:

1. Quais foram as estratégias pedagógicas que você desenvolveu para evitar a transfobia e permanecer no ambiente escolar como professora?
2. Como a docência trans permite desconstruir o imaginário social do sistema educacional? Qual o papel do professor trans nessa desconstrução?
3. Qual a incidência política na luta por direitos, quando um corpo trans que também é professor passa a ser visível na comunidade educacional? visibiliza en la comunidad educativa?

Trabalho em equipe, questão a discutir:

1. Existem outras estratégias pedagógicas para fortalecer a docência trans; e / ou como fortalecer aquelas explicitadas na plenária de acordo com a realidade e contexto dos nossos países?



Sessão

Enfrentando obstáculos

Violência e desafios no exercício pessoal do ensino trans na Ibero-América

(Experiências de pesquisa Brasil, Uruguai, Bolívia e Chile, no contexto COVID)

Diálogo com os palestrantes, questões a serem abordadas:

1. Quais foram os principais desafios e dificuldades no início da sua carreira? Quais são os principais desafios para professores trans?
2. Como é a realidade da violência e os desafios para a docência trans em seus países?
3. Como a docência trans afeta/impacta a formação dos estudantes?

Trabalho em equipe, questão a discutir:

1. Nos identificamos com os desafios e dificuldades apresentadas pelas palestrantes; e / ou há outros que não foram nomeados/citados e que existem em nossos contextos / países?


Sessão

A carreira de suas vidas no sistema educacional

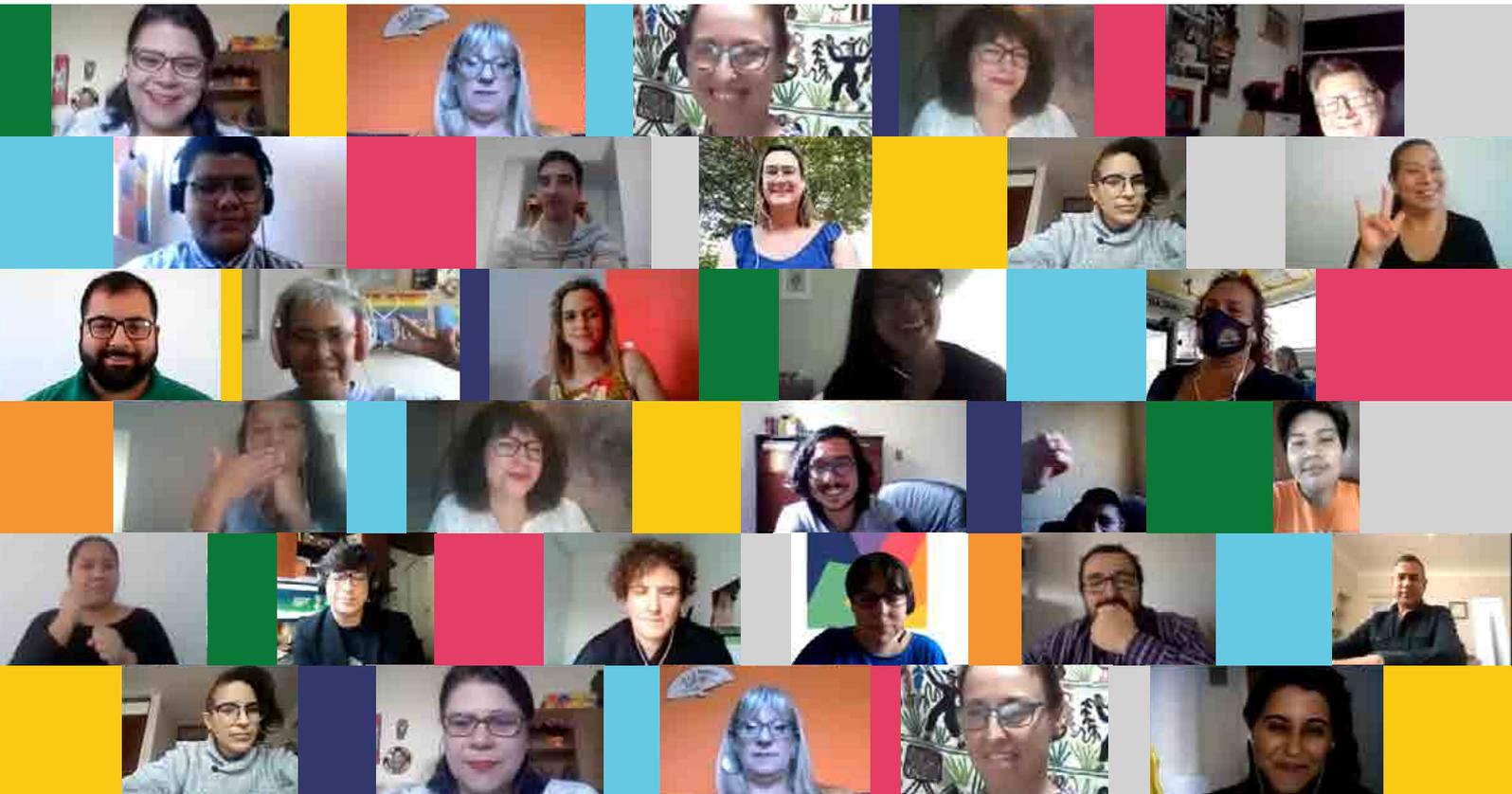
Pontos fortes e oportunidades na prática profissional do ensino trans na Ibero-América

Diálogo com os palestrantes, questões a serem abordadas:

1. Qual é a força pessoal como professor trans? Quais são os pontos fortes da comunidade docente trans?
2. Como é a realidade, em termos de potencialidades e oportunidades, da docência trans em seus países?
3. O que a docência trans contribui para a batalha cultural?

Trabalho em equipe, questão a discutir:

1. Nos identificamos com os pontos fortes e oportunidades apresentadas pelos palestrantes; ou existem outros que não foram nomeados e que existem em nossos contextos / países?



“Mestre não é aquele que sempre ensina,
mas aquele que de repente aprende”

Guimarães Rosa

Introdução

O 3º Encontro dos Principais Atores da Educação e Diversidade Sexual e de Gênero/ Gerando referências: Diversidade sexual e de gênero no contexto educacional foi um evento construído pela Rede Ibero-Americana de Educação LGBTI, que é uma plataforma de organizações que trabalha, desde 2010, a favor da promoção e respeito dos direitos humanos de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e intersexuais no campo educacional. Seu objetivo fundamental é contribuir para a prevenção e eliminação de todas as formas de discriminação por orientação sexual, identidade de gênero ou expressão de gênero nas salas de aula dos países ibero-americanos. A plataforma é composta por: 100% Diversidad y Derechos (Argentina), Colombia Diversa (Colômbia), Colectivo Trans del Uruguay (CTU), Fundación Igualdad LGBT (Bolívia), Fundación Triángulo (Espanha), Instituto Brasileiro Trans de Educação (Brasil), MOVILH (Chile) e Promsex (Peru).

A ideia inicial do encontro seria um evento no Brasil, devido a pandemia esse evento se tornou virtual. O objetivo da sua realização é promover a valorização das experiências docentes trans por meio de trocas, conversas e diálogos em que sejam visibilizadas ações capazes de enfrentar os preconceitos e produzir práticas docentes comprometidas com a diversidade.

Quando pensamos na docência trans, nos questionamos, o que pode fazer um corpo-professora travesti ou transexual nos contextos educativos e nos cotidianos escolares? Quais as potências, fortalezas e capacidades da docência trans frente a uma sociedade conservadora, transfóbica, preconceituosa que tenta designar os corpos trans a inferioridade?

Sabemos, a partir de relatos de professoras trans, que suas trajetórias de docência parecem ser unânimes em apontar que o trânsito educacional foi marcado por espinhosas experiências de sofrimentos, violências, assédios, bullying e preconceitos em que elas precisaram resistir para existir em um espaço que as impunha obstáculos, barreiras, complicações e complexidades.

Apesar disso, essas docentes trans resistiram a todos esses empecilhos e se tornaram professoras.

Essa docência trans, não é uma docência qualquer, ou uma docência como todas as outras. Uma professora trans carrega bagagens de conhecimentos adquiridos em meio aos enfrentamentos sociais necessários para sua sobrevivência. Essas histórias de vida, de experiências e vivências são os instrumentos utilizados por essas professoras trans para produzirem outros currículos e outras pedagogias comprometidas com o afeto, com a sensibilização com a dor do outro e com a empatia.

Professoras trans carregam a capacidade de repensar a prática docente, e de promover uma educação acolhedora, compreensiva e capaz de mudar a realidade da educação e da sociedade mundial. Por isso, acreditamos na educação.

Por meio da educação é possível mudar a sociedade, mudar concepções, transformar realidades, repensar práticas e construir uma sociedade em que todos, todas e todes sejam respeitados por ser quem são.

Nesse contexto, valorizamos as experiências docentes de professoras trans, porque esse corpo constantemente julgado, marcado, inferiorizado, é capaz de transformar a dor em ação, o sofrimento em mudança, produzindo metamorfoses, modificando os espaços escolares, alterando a realidade educacional, desconstruindo, desmascarando, rompendo, colapsando, arruinando as estruturas sociais calcadas na produção de desigualdades.

Assim, por acreditarmos nas potencialidades da educação e da docência trans como capazes de derrubar barreiras, é que esse evento foi pensado, enquanto momento de trocas de experiências para a construção de uma sociedade justa, igualitária, livre de violências e preconceitos.

Relatoria / Dia 01

26 DE NOVEMBRO DE 2020, QUINTA-FEIRA.

3º Encontro dos Principais Atores da Educação e Diversidade Sexual e de Gênero. Gerando referências: Diversidade sexual e de gênero no contexto educacional



Sessão

Aprendizagem compartilhada sem receitas

Experiências e estratégias na prática pedagógica trans na Ibero-América

(relação com alunos, sindicatos, associações familiares nas escolas)

A reunião se iniciou com a entrada prévia dos moderadores e intérpretes, com explicações iniciais sobre as questões técnicas do evento, como acessar a audição por intérprete em espanhol ou português.

Todo o evento foi totalmente interpretado por língua de sinais. O evento ocorreu com a apresentação dos palestrantes, com o direcionamento de algumas perguntas a eles, e depois foram feitos grupos em que se discutiu algumas questões previamente estabelecidas. Os grupos prezaram por mínimas intervenções, em que se deixou que os participantes falassem livremente. Esses grupos foram divididos de acordo com o idioma, espanhol e português, grupos de aproximadamente 10 pessoas, para que todos tivessem oportunidade de participar.





Abertura do evento

George Hale é engenheiro de computação e sistemas, formado pela Universidad Particular de San Martín de Porras. Foi bolsista do Mestrado em Gênero, Sexualidades e Políticas Públicas da Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad Nacional Mayor de San Marcos (UNMSM). Foi Coordenador Sub-regional Andino para a Associação Internacional de Gays, lésbicas e pessoas trans e intersexuais para América Latina e Caribe – ILGA – LAC – e desde 2005 é Diretor Financeiro e fundador do Centro de Promoção e Defesa dos Direitos Sexuais e Reprodutivos – PROMSEX. Defensor de direitos humanos no âmbito dos Direitos Sexuais e Reprodutivos e a articulação com organizações LGBTI+. Integrante da Rede Ibero-americana de Educação LGBTI. Atualmente pertence ao Comitê Diretivo da Campanha Internacional pelos Direitos da Mulheres ao Aborto Seguro, da Coalizão de Organizações LGBTI com o trabalho da OEA e do Comitê de Ética de Investigações Médicas em Saúde – INMENSA.

George Hale ressalta que o evento houve um grande número de inscritos e que tiveram que fazer uma seleção para que o sistema não ficasse sobrecarregado. George Hale dá início ao evento e boas-vindas aos participantes e ressalta a importância da discussão da temática desenvolvida, que é a docência trans, como essa docência trans é essencial no desenvolvimento dos estudantes e na construção de outros modelos de educação, mais inclusiva.

Boas – vindas e saudações institucionais:

O Evento se inicia com as boas – vindas de José Maria Nuñez e Silvia Tostado Calvo da Fundação Triângulo, Espanha.



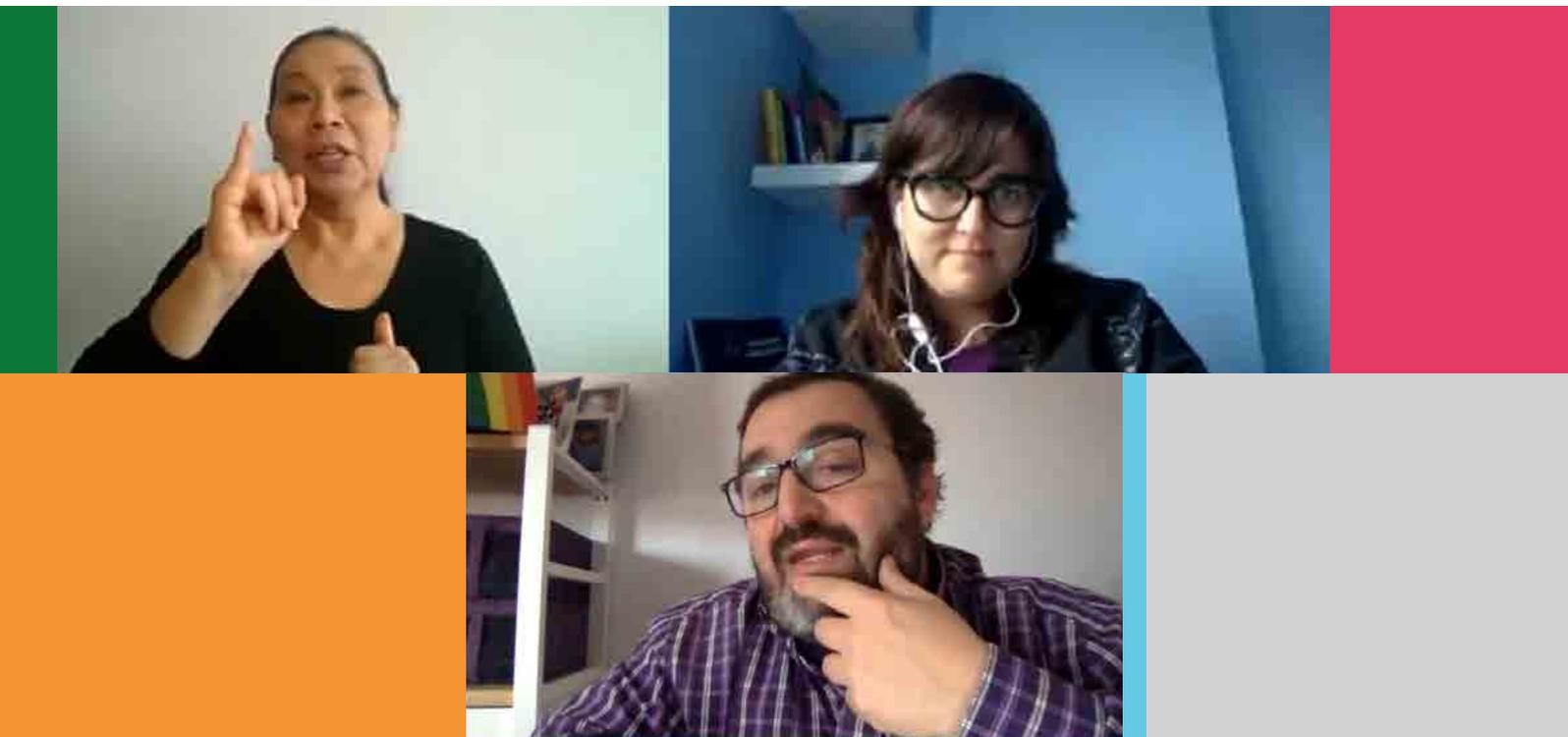
Silvia Tostado Calvo é presidenta da Fundación Triángulo Extremadura, entidade propulsora da RIE-LGBT, que estão ligadas desde 2006. É formada em Ciências Políticas e Administração, tem trabalhado como técnica de projetos de cooperação e como consultora externa em diferentes ONG's espanholas.

Silvia cita a importância desse evento e agradece que ele tenha se concretizado, ressaltando a relevância de discutir essas temáticas para repensar o âmbito educativo, para enfrentar a violência.

Silvia Tostado entende que abordar as experiências das docências trans é imprescindível e que as questões da diversidade sexual e de gênero não devem ser exclusividade do âmbito urbano, pois há muito para se dizer nos âmbitos rurais e nas regiões interioranas. Silvia cita que esse trabalho de levar essas discussões para diferentes espaços é desenvolvido pela Deputada de Políticas Sociais, Igualdade, Participação e Atenção Cidadã, Amelia Molero Fragoso, representante da Câmara de Cáceres.

Por fim, agradece todas as organizações que compõem a RIE - LGBTI, amigos, amigas, amigues e ativistas, afirma que apesar de caminharmos em passos lentos e pequenos é essencial seguir caminhando e lutando por um mundo sem preconceitos.

Finaliza desejando um exitoso evento a todos.



José M^a Núñez é presidente da Fundación Triángulo, entidade espanhola sem fins lucrativos, que está funcionando a mais de vinte e cinco anos, cujo objetivo é a igualdade social de lésbicas, gays bissexuais e transexuais. José Núñez é um dos impulsionadores da RIE-LGBTI. Também é professor de Economia Financeira e contabilidade na Universidad de Extremadura.

José Maria afirma que seria muito bom que o evento fosse realizado no Brasil como estava previsto para ocorrer inicialmente, sob organização de Sayonara Nogueira. José Maria ressalta a felicidade da concretização do evento e como essas ações realizadas pela Rede Ibero-Americana LGBTI são frutíferas. Nesse sentido, ressalta a importância do evento tratar das experiências docentes trans, principalmente em um momento em que o levante de ações reacionárias, anti-

direitos e conservadoras se espalham pelo mundo, o que urge o debate sobre as identidades de gênero, para nos rearmarmos e enfrentar a ataques que nunca imaginamos antes. Nesse sentido, considera que esse evento é um espaço de compartilhamentos e de discussão de dificuldades e experiências para podermos pensar possibilidades de avanços. Por fim, deseja um bom evento.



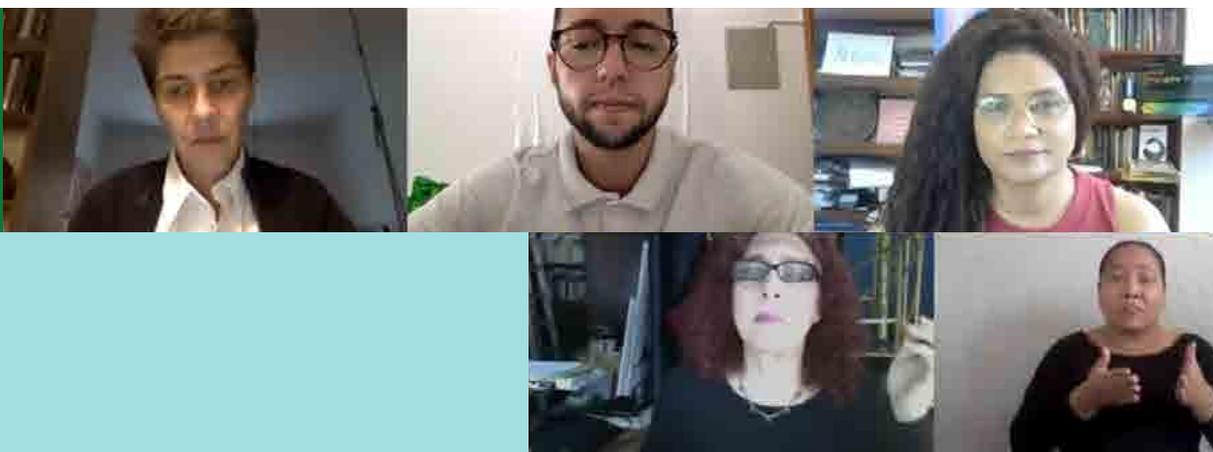
Amelia Molero Fragoso. Após as boas vindas, há a saudação institucional da Deputada de Políticas Sociais, Igualdade, Participação e Atenção Cidadã, Amelia Molero Fragoso, como representante da Câmara de Cáceres, entidade financiadora do encontro. A câmara de Cáceres é uma instituição que está apoiando o desenvolvimento do projeto.

Amelia Molero Fragoso, ressalta a importância do evento e principalmente por sua realização ser construída em conjunto entre diferentes regiões de diferentes países. Sendo assim, a realização de um encontro que valoriza as experiências das docência trans, é essencial para avançarmos na construção de uma sociedade sem desigualdades. Pensando nisso, Amelia Molero ressalta que o fato de o evento ser constituído por integrantes de diferentes países propicia trocas de experiências e informações importantes e enriquecedoras. Nesse sentido, Amelia reitera a relevância do compartilhamento das experiências trans como maneira de repensar a educação, afirmando que é essencial trabalhar por uma sociedade mais justa e igualitária por meio da defesa dos direitos humanos. Sobre a educação expõe que precisamos ficar atentos aos estudantes porque tem percebido retrocessos em questões que já havíamos avançado anteriormente. Por isso, é necessário que as docentes trans visibilizem seu trabalho para fornecer informações que cheguem aos estudantes e se tornem referência para eles. Por fim, ela agradece em poder contribuir com o evento.



Víctor Madrigal Especialista Independente da Organização das Nações Unidas – ONU em Orientação Sexual e Identidade de Gênero, proteção contra a violência e discriminação por orientação sexual e identidade de gênero, desde 2018. É investigador convidado sênior no Programa de Direitos Humanos da Faculdade de Direito de Harvard. Anteriormente, foi Secretário Geral do Conselho Internacional de Reabilitação de Vítimas de tortura (IRCT), membro do subcomitê da ONU para prevenção da tortura de 2013 a 2016, relator sobre represálias e supervisor de projeto de política sobre tortura e maus tratos a pessoas LGBTI. Também é membro fundador da Asociación Costarricense de Derecho Internacional (ACODI), membro fundados da Junta del Centro de Recursos de Justicia Internacional (IJRC) e membro fundador da Junta Directiva de Synergia-IDH.

Victor Madrigal agradece Rede Ibero-americana de Educação LGBTI pelo convite para saudar o evento, assim como as organizações que integram o evento, externando a importância dessas organizações no trabalho próximo com as causas sociais. Assim, deseja um frutífero evento. Nesse contexto, fala da discriminação e da inclusão, e que seu trabalho tem sido em função de lutar para desconstruir estigmas e enfrentar o preconceito na sociedade e na educação. Dito isso, agradece a organização do evento e pede para que o mantenha informado sobre os andamentos dos trabalhos e suas conclusões. Por fim, deseja um bom evento e afirma que as instituições podem contar com ele.



**DIÁLOGO COM OS
PALESTRANTES****Facilitador:**

Thomas Nader, brasileiro, professor da educação básica.

Palestrante 1:

- Lucas Platero Méndez, espanhol, professor e pesquisador sobre sexualidade e interseccionalidade sobre políticas públicas.

Palestrante 2:

- Jaqueline Gomes de Jesus, brasileira, professora do Instituto federal do Rio de Janeiro.

Palestrante 3:

- Tamara Adrian, venezuelana, deputada, professora universitária de direito.

Thomas Nader é professor de educação básica, pertence ao Instituto Brasileiro Trans de Educação, integrante da Red Iberoamericana de Educación LGBTI. Também faz parte da rede TODXS, organização sem fins lucrativos que promove a inclusão de pessoas LGBTI+ na sociedade com iniciativas de formação de líderes, pesquisas, sensibilização e segurança; Nessa entidade, Thomas desenvolve um projeto denominado "TODXS Escola", iniciativa que nasce com o propósito de que pessoas trans não abandonem a escola, por meio de formação de estudantes e professores.

No evento, Thomas participa enquanto facilitador do debate fazendo três perguntas aos palestrantes que são apresentadas a seguir com as respectivas respostas:

Quais foram as estratégias pedagógicas que você desenvolveu para evitar a transfobia e permanecer no ambiente escolar como professora?

1

Jaqueline Gomes de Jesus é Professora de Psicologia do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ). Docente do Programa de Pós-graduação em Ensino de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Doutora em Psicologia Social, pela Universidade de Brasília (UnB, 2010), com pós-doutorado pela Escola Superior de Ciências Sociais e História da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV Rio, 2014). Ocupou o cargo de Assessora de Diversidade e Apoio aos Cotistas e Coordenadora do Centro de Convivência Negra da UnB (2004-2008), atuou no Departamento de Saúde, Previdência e Benefícios do Ministério do Planejamento (2008-2010) e foi Assessora Técnica da Presidência da República (2011). Foi Conselheira do Conselho Regional de Psicologia do Distrito Federal (gestão 2013-2016). É membro da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO), da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN) e da Associação Brasileira de Psicologia Política (ABPP). Agraciada com o Prêmio Rio Sem Homofobia (2016) e com a Medalha Chiquinha Gonzaga (2017), concedida pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro, por indicação da Vereadora Marielle Franco.



Jaqueline Gomes
de Jesus



Jaqueline inicia sua apresentação afirmando que é professora trans, negra, nascida em Brasília no Brasil. Atualmente é professora de um Instituto Federal localizado na periferia, composto majoritariamente por alunas mulheres moradoras da periferia. Sobre o desafio docente, aponta que nunca teve problema com os estudantes em toda sua carreira enquanto docente, e que, a dificuldade encontrada estava relacionada em ser aprovada em um concurso docente, inclusive, em um concurso prestado, a bibliografia era um livro em que ela tinha dois artigos, livro este que foi premiado pelo Prêmio Jabuti, um prêmio reconhecido e de grande valor no Brasil. Nessa perspectiva, Jaqueline relata que em seleções de concurso já foi questionada se ela realmente entenderia como é a vida das mulheres trans e das mulheres negras. Esse questionamento coloca em dúvida o próprio conhecimento da professora Jaqueline de Jesus, como se ela não conhecesse a própria realidade. Nesse sentido, ela afirma que quando ela é convidada para falar de temas diversos, eles querem que ela fale apenas sobre a própria experiência de vida. Que as instituições ainda não aprenderam como receber e valorizar os professores e professoras trans.



Lucas Platero
Méndez

Lucas Platero Méndez é professor, pesquisador e ativista pelos direitos LGBTQ. É formado em Psicologia, mestre em Avaliação de Políticas Públicas e doutora em sociologia. Desde 2003 faz parte dos projetos MAGEEQ y QUING investigando sobre sexualidade e interseccionalidades nas políticas públicas. É professor de ensino médio, em programas universitários de pós graduação em gênero e igualdade.

Na sua interlocução, Lucas Platero diz que muitas pessoas acham que as professoras e professores trans não deveriam estar ali, dentro das escolas como docente. Para enfrentar todo esse preconceito, Lucas ressalta que o ativismo foi essencial nesse processo de resistência. Ainda ressalta que nunca teve problema com os estudantes por ser uma pessoa trans, fato também relatado pela brasileira Jaqueline de Jesus. Apesar disso, ao longo de sua trajetória como docente, enfrentou problemas com outros docentes ou com a própria direção.

Nesse sentido, Lucas ressalta que para permanecer no espaço escolar e resistir nesse espaço é essencial usar o ativismo enquanto meio de questionamento dos ambientes educacionais e que as pessoas devem utilizar suas experiências para produzir uma pedagogia questionadora. O ativismo é potente na desconstrução de estereótipos e paradigmas sendo essencial leva-lo para dentro da sala de aula utilizando-o de maneira política para questionar o porque muitos estudantes abandonam o espaço escolar precocemente, questionar porque o corpo docente é tão homogêneo, tão branco, tão heterossexual, tão de classe média. Expõe que o sistema educativo não esperava que professoras trans estivessem ali, por isso é necessário ser ativista para repensar esse lugar. O ativismo é essencial para repensar a escola e problematizar as aulas e a ação docente. Principalmente nos dias atuais, em que vivemos tempos de avanço do conservadorismo que ameaça nossos direitos e coloca em risco os avanços conquistados nos últimos anos pelos movimentos sociais.



Tamara
Adrian

Tamara Adrian é a primeira deputada trans da América, ativista LGBTI, professora e advogada venezuelana. Possui graduação pela Universidad Católica Andrés Bello (UCAB) e doutora em direito Comercial pela Université Panthéon-Assas de Paris.

Tamara acredita que o exemplo é o melhor meio de se transmitir mensagens na educação. Tamara conta que iniciou sua transição nos anos 90, período em que não se falava de transição na Venezuela e no mundo, por isso, sofreu muitos preconceitos por assumir sua identidade trans em um período em que não se tinha discussões sobre identidade de gênero e sexualidades. Esse caminho tortuoso, de batalhas, fez com que ela se colocasse enquanto referência para outras pessoas trans. Tamara afirma que sua meta era demonstrar que uma pessoa trans podia e pode estar em um espaço público em pé de igualdade como outras pessoas, que o lugar da pessoa trans na sociedade é onde ela deseja estar.

Mas, para que uma pessoa trans ocupe esses espaços sociais, ocupem universidades, sejam advogados, engenheiros, ou qualquer outra profissão, o caminho é mais longo e a trajetória é mais árdua comparado com uma pessoa cisgênero. Nesse sentido, ressalta que uma pessoa homem trans tem que trabalhar duas vezes mais do que uma pessoa cis, e que uma pessoa trans mulher tem que trabalhar três ou quatro vezes mais que uma pessoa cis, para acessar os diferentes espaços de nossa sociedade. Isto significa, que uma pessoa trans tem que se esforçar arduamente para que possa ascender socialmente e ocupar lugares que foram historicamente negados às pessoas trans. Dito isso, Tamara faz essa análise para mostrar que a sociedade cisgênero exige mais das pessoas trans impondo a necessidade de

perfeição nos seus trabalhos que não é exigida de outras pessoas cisgêneras. Nessa perspectiva, Tamara defende ser essencial fazer alianças com outros professores que possam ser aliados das pessoas trans. A partir da sua própria experiência, conta que ao fazer sua transição enfrentou resistências de colegas de trabalho que fizeram abaixo assinado para retirá-la da docência. Todavia, outros professores aliados a ela a defendeu, produzindo outro abaixo assinado em favor dela.

Tamara aponta que essas alianças com pessoas sensíveis ao seu sofrimento fortalecem a luta das pessoas trans e são indispensáveis para resistir e existir na docência e na vida.

Como a docência trans permite desconstruir o imaginário social do sistema educacional? Qual o papel do professor trans nessa desconstrução?

2

Lucas afirma que na mentalidade da sociedade em geral, as pessoas trans estão somente na prostituição, ou nas casas de show, ele afirma que respeita as pessoas que estão nesses lugares, mas que as pessoas trans estão e devem estar em outros espaços, a prostituição e as casas de show não devem ser os únicos lugares estabelecidos por estereótipos enquanto os únicos possíveis para as pessoas trans, defendendo que as pessoas trans devem e podem ocupar diferentes espaços na sociedade.

Sobre a docência, Lucas propõe repensar a educação e a figura que construímos do professor, uma imagem padronizada, em que o docente é visto como google, que sabe tudo, que detém todas as informações sobre qualquer coisa. Ao invés disso, propõe reconhecermos que os professores também estão em processo de aprendizagem ao mesmo tempo em que estão ensinando. Isso constitui o que chamamos de processo de aprender, ensinar, aprender, o professor deixa de ser o único detentor do conhecimento e passa a construir conhecimentos em conjunto com os estudantes. A sala de aula é espaço e tempo de ensino e também de aprendizagem.

Dito isso, Lucas afirma que uma pessoa trans, traz muitas vantagens ao espaço escolar, por ser um corpo considerado estranho, esse corpo agrega conhecimentos, desconstrói estigmas e oferece conforto e proteção nesse ambiente escolar àquelas pessoas que se sentem diferentes ou que rompem com as normais sociais. Mas para que isso ocorra, é essencial que uma professora trans seja ativista, se envolva com os movimentos sociais e transforme sua prática docente e que aja modificando o seu ambiente e a educação a partir das suas experiências.



Jaqueline ressalta que o trabalho nunca deve ser isolado, que ela é contra a perspectiva neoliberal de que somos seres totalmente independentes, autônomos e construídos para vivermos sozinhos. Jaqueline defende a teoria UBUNTU de coletividade, de construção conjunta de sociedade, “eu sou porque nós somos”, ou eu só existo porque nós existimos. Essa teoria define que cada ser é essencial na construção da humanidade, vivemos em sociedade e devemos viver em harmonia com os demais, pois nós só existimos porque existe o outro, somos interdependentes para nossa sobrevivência. Por isso, UBUNTU significa simplesmente compaixão, calor humano, compreensão, respeito, cuidado, partilha, humanitarismo, amor. Ubuntu prega a sensibilidade, o respeito ao outro e a gratidão.

A partir disso, Jaqueline lembra da sua amizade com a Marielle Franco, vereadora, ativista de direitos humanos, executada no Rio de Janeiro, e aponta que Marielle sempre dizia que as pessoas negras, trans, devem ocupar todos os espaços.

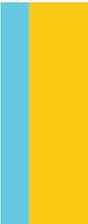
Dito isso, Jaqueline mostra um vídeo dela no canal FUTURA, um canal ligado a Rede Globo, maior emissora de TV do Brasil. Esse vídeo fala sobre a trajetória da Jaqueline enquanto professora a partir da ótica dos alunos dela. Nesses relatos de seus ex – alunos, eles ressaltam como ela contribuiu para sensibilizá-los. Essa sensibilização provocou reverberações nos cotidianos e na vida desses estudantes que agora como profissionais de diferentes áreas do conhecimento são mais atentos aos direitos humanos, a vida e a importância de construir uma sociedade antirracista, não LGBTifóbica, sem preconceitos.

Esse vídeo, mostra como a ação da professora Jaqueline de Jesus foi essencial para tocar e transformar seus estudantes, contribuindo para a desconstrução de preconceitos, promovendo uma sociedade mais humana, conectada com os problemas sociais.

Tamara aponta a difícil realidade vivida pelas pessoas trans venezuelanas. A Venezuela não tem nenhum mecanismo para reconhecimento do nome social, ou de documentos que reconheçam a identidade de gênero das pessoas trans. Ressalta ainda, que não há em sua região nenhuma universidade que respeite a identidade de gênero das pessoas trans apesar da sua luta em prol dessa população. Além disso, na Venezuela existem pouquíssimas pessoas trans que são referência

positiva e que contribuem na desconstrução de estereótipos e preconceitos na sociedade. Tamara evidencia que poucas pessoas trans ascendem socialmente e se tornam professoras, ou advogadas, isso ocorre porque as barreiras as pessoas trans são muito fortes e impede que elas acessem esses espaços. Além disso, antes os números de assassinatos de pessoas trans eram contabilizados nos jornais da Venezuela, mas isso não ocorre mais. Nesse sentido, sua luta é intensa em prol de que essas barreiras sejam destruídas e oportunizem que outras pessoas trans possam conseguir transpor os obstáculos estabelecidos por uma sociedade marcada por desigualdades.

Qual a incidência política na luta por direitos, quando um corpo trans que também é professor passa a ser visível na comunidade educacional?



Lucas afirma que a incidência política é essencial na construção de uma educação livre de transfobia. Nesse sentido, se faz necessário incluir nos currículos escolares temáticas que tratem sobre a diversidade. Ademais, é fundamental que respeite as pessoas trans e sua transição, acatando o uso do nome social, conforme escolhido pelas pessoas trans.

Assim, Lucas expressa que os professores têm a responsabilidade de ser de alguma maneira alguém que facilita a vida dos estudantes, principalmente aqueles que são trans ou LGBTIs. É função do docente construir práticas docentes que acolham e torne o trânsito escolar menos doloroso, mais humanos e sem traumas.

Outrossim, é preciso políticas públicas que previnam e ajam em casos de violência e assédio moral relacionado a estudantes trans ou LGBTIs. Nesse sentido, é essencial discutir sobre diversidade na escola, e as professoras trans tem responsabilidade nisso, em propor uma educação revolucionária.

Em conclusão, Lucas agradece aos outros professores trans que vieram antes e possibilitaram que ele chegasse onde chegou.

Jaqueline eexprime que é essencial transformar a educação e a sociedade. Diz que apesar de que muitos docentes construirão uma educação para a diversidade, nem todos os professores estão comprometidos com a construção dessa educação plural baseada na equidade. Jaqueline propõe construirmos um mundo mais global, que as pessoas despertem o sentimento de coletividade e de união entre os diferentes povos independente dos regionalismos, fronteiras ou países. Essa proposta, dialoga com o pensamento UBUNTU de nos entendermos como humanidade e da necessidade de vislumbrarmos um mundo mais unido e sensível.

Essas proposições apresentadas pela Jaqueline, são vistas como possibilidade de enfrentamento da onda conservadora que estamos vivendo que exige cada vez mais união entre os movimentos sociais.

Em desfecho, destaca que as pessoas trans seguem lutando e resistindo em meio a essa sociedade permeada por tanta desigualdade.

Tamara aponta que o espaço educativo deve ser construído para explorar e valorizar as diferenças, que qualquer referência minoritária no âmbito educativo contribui para mudar o imaginário coletivo. A educação deve ser diversa e plural. Uma característica da educação do século XXI, deve ser uma educação pela diferença, em que permita o crescimento coletivo, que valorize as diversidades, as pessoas com deficiência, as pessoas LGBTQs, as pessoas negras. Essa educação, do século XXI, proposta por Tamara, deve enaltecer as pluralidades e as multiplicidades existentes no mundo por meio do aprendizado de que somos diferentes e que essas diferenças não devem ser motivo de discriminação.

Trabalho de grupo

Existem algumas outras estratégias para fortalecer a docência trans e/ou como fortalecer as ações apontadas em plenária na realidade de nossos países?

1

Compartilhamento de informações:

Grupo 1: Em relação as estratégias pedagógicas abordadas na reunião, quais são as estratégias pedagógicas que podem fortalecer a docência trans no Brasil? Foi debatido que inicialmente não seria uma estratégia pedagógica e o ideal seria visibilizar a presença de docentes trans no ambiente escolar, a partir de capacitação e formação continuada, sensibilização de professores cis para que se tornem aliados. A questão do ativismo político também perpassa questões estratégicas e pedagógicas que poderiam fortalecer a docência trans. Não há dados oficiais sobre o número de estudantes trans no Brasil e quando não há dados não temos reflexo da realidade. Outra estratégia é uma maior incidência no currículo para que aborde questão sobre diversidade sexual e gênero, quando se fala gênero, deve ser pensado também as identidades de gênero e as interseccionalidades.



Grupo 2: Foi dito que a falta de acesso a formação é uma consequência da falta de acesso ao mercado de trabalho para poder custear essa formação. Além disso, foi mencionado os limites encontrados na falta de políticas públicas afirmativas direcionadas a população trans, retrocessos na Bolívia e a falta de ações afirmativas direcionadas as pessoas trans no Peru tem se tornado um obstáculo para essas pessoas.

No caso do Uruguai, existe uma lei integral trans, no entanto, a inserção real nas instituições é complexa, porque há um preconceito velado, então quando pessoas trans se inserem nessas instituições educativas, logo são retiradas desse espaço, sob justificativa de que estavam procurando por outro perfil. Frente a esse contexto, cabe perguntar: em uma sociedade que dispõe de políticas públicas, mas essas políticas públicas enfrentam barreiras e limites, qual é o papel da sociedade civil frente a esses limites?



Grupo 3: Garantia de proteção para exercer a docência, tutoria sobre a temática trans para a comunidade educativa em geral, visibilizar as realidades dos docentes trans, fazer frente a discriminação de empregadores e companheiros de trabalho, incorporar docentes trans nos debates sobre reformas da educação, fortalecer a comunicação com mães, pais e pessoas empoderadas sobre as temáticas LGBTI, denunciar a violência estatal ou presidencial, implementar políticas publicas focadas na identidade de gênero com foco na docência, sensibilizar e educar a população LGB sobre a causa trans, estabelecer canais de denúncia da transfobia e debater sobres trabalhos formais acessados pelas pessoas trans.



Grupo 4: No grupo, foi debatido que no Peru existe uma importante diferença entre a realidade das pessoas trans que fizeram o processo de transição antes de iniciar a carreira universitária e as que não fizeram. Quem fez essa transição antes de iniciar a carreira universitária, sofre sérias dificuldades para ter acesso aos estudos universitários e a um trabalho. Isso gera alto porcentagem de pessoas que não dão continuidade aos estudos. Assim, é proposto que haja acesso a educação básica noturna, oferecimento de formação para fortalecer os conhecimentos sobre os direitos, assistência aos institutos não escolarizados, que oferecem a possibilidade de conclusão dos estudos em curto período de tempo. É indicado também que ainda que nos últimos anos tem se experimentado alguma abertura, essas pessoas trans sofrem complicações para que uma universidade privada aceite uma pessoa trans como aluna. No entanto, é relatado no grupo, que o acesso ao mestrado é mais fácil.



Encerramento

Ramón Gómez: dedica-se há duas décadas ao ativismo LGBTI, Autor dos Informes Anuais de Direitos Humanos da Diversidade Sexual e de Gênero do Chile, e de textos recomendados pelo Ministério da Educação como "Nicolás tiene dos papás" e "Educando en la diversidad: Orientación sexual e identidad de género en las aulas". Ramón participou da redação de diversos projetos de lei e de políticas públicas pelos direitos LGBTI, assim como o Acordo de Solução Amistosa que o Estado assinou diante da Comissão Interamericana de Derechos Humanos para o avance do matrimônio igualitário no Chile. Além disso, é encarregado da área de Direitos Humanos do Movimiento de Integración y Liberación Homosexual (MOVILH). É jornalista e mestre em educação.

Ramón traz um panorama geral sobre o evento, ressaltando que foram feitos muitos aportes sobre a importância da docência trans, para acabar com a discriminação. Manifesta que nesse caminho ainda temos muito o que lutar, e que a visibilidade é um importante meio de conhecer os preconceitos enfrentados pelas docentes trans e para desconstruí-los. Sobre esses preconceitos, expõe que é uma realidade o preconceito dos próprios pares e que é necessário enfrentar essas questões. Por fim, Ramón expressa que as experiências são completamente distintas em cada país e que é necessária uma reforma educacional e que as pessoas trans participem dessas reformas para construção de uma educação para a igualdade.

George Hale encerra o evento com um vídeo motivador fruto da campanha de 2019 #LaCarreraDeSusVidas da Red IberoAmericana de Educación. No vídeo, Collette Spinetti conta sua história de sofrimento durante a educação básica enquanto aluna, até que uma professora de literatura a motivou e a encheu de esperança para que se dedicasse a estudar e sonhasse em ser professora. Essa motivação fez com que ela se formasse e se tornasse professora no Uruguai.



Relatoria / Dia 02

27 DE NOVEMBRO DE 2020, SEXTA FEIRA.

3º Encontro dos Principais Atores da Educação e Diversidade Sexual e de Gênero. Gerando referências: Diversidade sexual e de gênero no contexto educacional

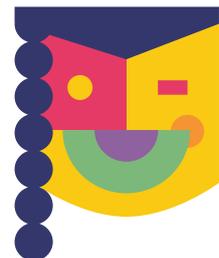


Sessão

Enfrentando obstáculos

Violência e desafios no exercício pessoal do ensino trans na Ibero-América

(Experiências de pesquisa Brasil, Uruguai, Bolívia e Chile, no contexto COVID)





Boas – vindas

Hernando Muñoz é Doutor em Perspectiva de Gênero nas Ciências Sociais, formado em Administração e Supervisão Educativa, Trabalhador Social, especialista em Trabalho Social Familiar e Investigação Sociais, Mestre em Cooperação e Desenvolvimento. Ativista LGBT e educador em temas de diversidade sexual e de gênero. Trabalhou com a Alcaldía de Medellín, é membro da Junta Directiva de la Fundación Colombia Diversa, pertence a Red Iberoamericana de Educación LGBTI. Tem como linhas de investigação Educação, gênero e Direitos Humanos.

Hernando Muñoz inicia agradecendo a todos que estão participando do evento. Diz que é importante pensar a atualidade e nas relações sociais onde cada pessoa possa ser livre independentemente de onde esteja ou do lugar que ocupe na sociedade. É necessário caminhar em busca da liberdade de ser quem somos e quem queremos ser. Assim, reitera a importância das diferentes instituições mundiais em favor de que as pessoas caminhem livremente, juntos, juntas e juntes, lutando para construir um mundo pautado pela diversidade. As experiências das professoras trans contribuem na luta em prol de sermos quem queremos ser. Assim, destaca que a partir da RIE essas experiências de professoras trans estão se visibilizando, possibilitando que saiam de um lugar de inferiorização social, para o da visibilização, da liberdade de ser como desejam.

Conclui, dizendo que a transformação da educação e da sociedade deve pautar-se pela liberdade.

Por fim, deseja boas vindas e que possamos aprender muito com as exposições sobre práticas docentes de pessoas trans.



Saudação Institucional

Mary Guinn Delaney, Assessora Regional em Educação para a Saúde e Bem estar para a América Latina e Caribe da UNESCO. Economista, tem mais de 25 anos de experiência em temas relacionados com educação, sexualidade, gênero, saúde escolar, HIV e desenvolvimento econômico.

Mary Delaney, felicita pela atividade que considera tão importante, e afirma que está entusiasmada pelo tema do evento, relacionado às docências trans. Expressa que a UNESCO vem trabalhando há algum tempo sobre a violência escolar relacionada a orientação sexual e expressão de gênero, e que vem acompanhando pesquisas, investigações, relatos que evidenciam que as pessoas trans passam por dificuldades nas escolas.

Nesse aspecto, elucida que essas docentes trans que passaram por essas escolas, que sofreram essas violências e que retornaram ao ambiente escolar para oferecer seus conhecimentos, são capazes de apoiar, atender e melhorar a situação caso haja crianças trans nas escolas passando por dificuldades.

Diz que admira muito a Fundação Triângulo e a RIE.

Destaca que precisamos assegurar que os problemas sociais não avancem e aumentem ainda mais em decorrência da pandemia que estamos vivendo.

Por fim, deseja um bom evento.



Collette Spinetti

Apresentação das investigações da RIE

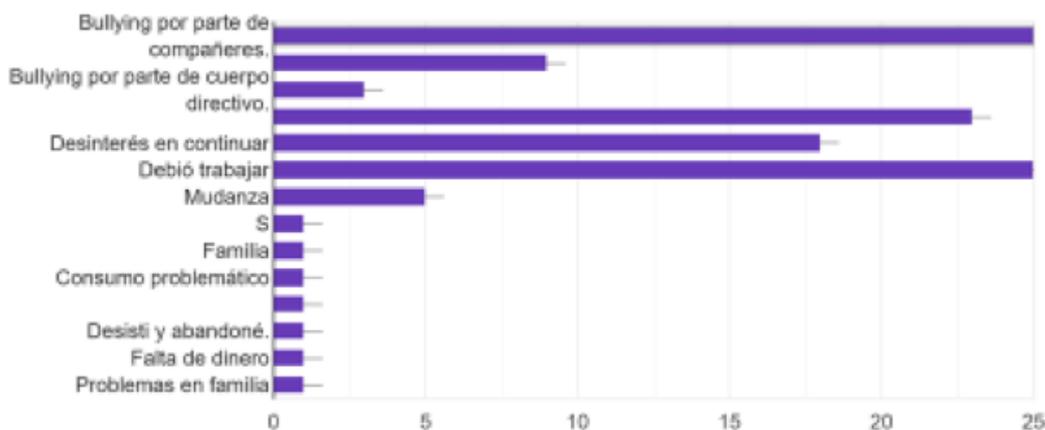
Collette Spinetti. Professora de literatura, ativista social, política, atriz e dançarina profissional. Presidente do Colectivo Trans del Uruguay (CTU), membro da Rede Ibero-americana de Educação LGBTI, bem como diretora da Divisão da Escola Nacional de Dança Folclórica do Uruguai. Como política, faz parte da Corrente Alternativa Frente Ampla, que visa avançar na questão dos direitos das pessoas trans, destacando sua defesa e participação em projetos como a Lei 18.620 sobre mudança de nome e sexo no registro, casamento igualitário e a reforma da lei de adoção.

No ano de 2019, Collette Spinetti realizou por meio do Coletivo Trans do Uruguai uma investigação sobre os trânsitos educativos da comunidade trans, buscando observar como se constituía a trajetória escolar da comunidade trans, no que tange enfrentamentos e resistências. Ao longo desse trabalho, Collette expressa que apesar do Uruguai ser um país com muitos avanços nos últimos anos no que tange os direitos das pessoas trans, que ainda há muito a se fazer. Há um marco legal, Ley 17.817: "Lucha Contra El Racismo, La Xenofobia y La Discriminación", Ley 19.684 "Ley Integral Para Personas Trans", Ley N. 18.437 O "Ley General De Educación" Ley 19.098 O "Protocolo De Prevención, Detección E Intervención Respecto Al Maltrato Físico, Psicológico, Social Y Su Aplicación En Los Centros Educativos Del País".

Causas de abandono

En caso de no haber culminado alguno de los ciclos en la educación formal: ¿Cuál o cuáles fue o fueron los motivos por los que abandonó?

74 respuestas

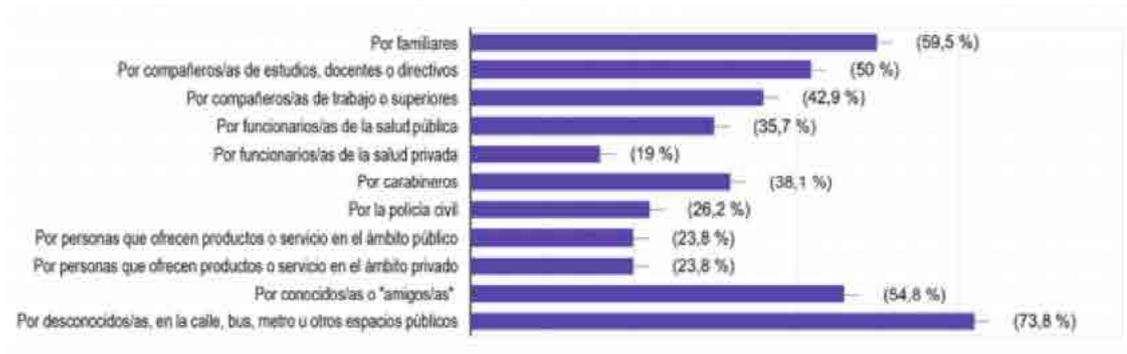


Nesse trabalho, ressalta que as pessoas trans que residem próximo de Montevideu, região onde o ativismo trans é mais intenso, o trânsito educativo parece ser menos tortuoso e são essas pessoas que mais participaram da pesquisa. Apesar disso, mostra como em regiões interioranas essas discussões tem dificuldades para chegar, fazendo com que o trânsito educativo se torne mais complexo.

Collette aponta que nos relatos elucidados a partir da pesquisa, são apresentados dados que revelam uma sociedade marcada pelo preconceito, em que muitas pessoas trans reclamam de não terem o nome social respeitado, sofrerem agressões físicas e não poderem utilizar os banheiros de acordo com sua identidade de gênero. Esses preconceitos em relação as pessoas trans, ocorrem em espaços que deveriam ser de acolhimento, como família e colegas de trabalho.

Nesse sentido, recomenda que haja educação, formação e sensibilização do corpo docente e não docente, inclusão de discussões sobre preconceitos, gênero e sexualidades nos currículos, promovendo uma educação que entenda e respeite as pessoas trans.

¿Por quién has sido discriminada alguna vez en tu vida en razón de tu identidad de género?



Assim, Collette assinala que há uma violência sistemática que reflete nas condições de vida de pessoas trans que encontram inúmeras barreiras para se formarem e conseqüentemente para se inserirem no mercado de trabalho e ascender socialmente.





Sayonara
Nogueira



Sayonara Nogueira. Coordenadora do Núcleo de Diversidade Sexual da Prefeitura Municipal de Uberlândia. Vice-presidenta do Instituto Brasileiro Trans de Educação. Secretária temporária da Direitos Humanos da Confederação Trans da América Latina e Caribe (COTRANSLAC). Membro da Red Iberoamericana de Educación LGBTI. Professora de Geografia e especialista em Educação Inclusiva, Técnica em Políticas Públicas de Gênero e Raça.

Sayonara destaca que em 2019, por meio do Instituto Brasileiro Trans de Educação, ela e Andreia Cantelli organizam um trabalho de investigação denominado "Nome Social: A Ponta Do Iceberg".

Elucida, que esse projeto é consequência de um marco político, o ENEM de 2014, que começa a permitir o uso do nome social para pessoas trans, além de em 2018 o movimento trans conquistar através da portaria n° 33 o direito do uso do nome social na educação básica do Brasil. Apesar dessas conquistas, o uso do nome social para menores de 18 anos só é autorizado em caso de permissão dos pais e mães.



Desse modo, conta que desejando perceber a reverberação dessa portaria, em 2020, o IBTE solicitou a todas as Secretarias Estaduais de Educação o número de matrículas com o uso do nome social. No entanto, somente 15 estados responderam a essa solicitação e que os dados apresentados mostram que houve uma grande número de matrículas em Minas Gerais e em São Paulo. Em 2019, 2199 pessoas trans usaram o nome social na educação básica do Brasil.

Todavia, Sayonara expõe que esses números não condizem com a realidade porque são de apenas 15 estados, além de não levar em consideração as escolas municipais.

Então, Sayonara cobra que governantes façam programas de contabilização e de coleta de dados para saber a real situação dessa população na educação no Brasil.

No ENEM, Sayonara aponta que o número de pessoas usando o nome social vem aumentando.

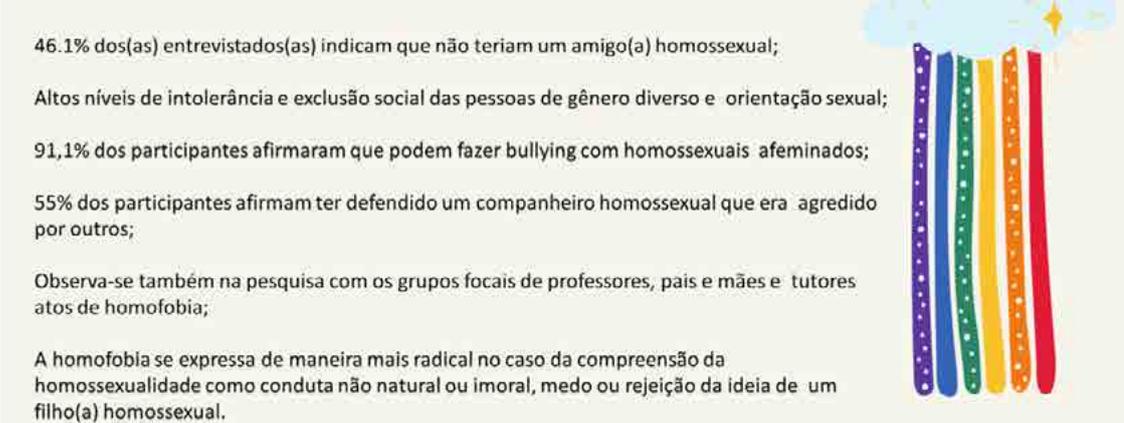
Dentro dessa pesquisa, aponta que ainda foi aplicado um questionário sobre o clima escolar. Nela, 62% responderam que a escola não é um ambiente seguro para a população trans. O lugar menos seguro é o banheiro. Em relação a população trans, diz que existe política pública sobre o nome social, no entanto não há legislação sobre o uso do banheiro nos espaços educativos. Assim, destaca que a população trans é obrigada a utilizar os banheiros conforme o sexo biológico. Sobre esses dados, é revela ainda que o uso do nome social aparece desde a educação infantil, fato que mostra que alguns pais aceitam seus filhos desde a infância.

Ainda nessa pesquisa, menciona que ao entrevistar 165 professores cisgênero, foi questionado como a escola poderia intervir para garantir a permanência de pessoas LGBTI+ na escola, como resposta, a maioria respondeu que não deveria tocar no assunto. No entanto, uma parte defendeu palestras, formação continuada e capacitação da rede de ensino. Sayonara conclui que a exclusão de pessoas trans é uma realidade no Brasil, que uso do nome social não é suficiente para atender essa população, principalmente porque exige autorização de pais e mães.

Também ressalta que estamos vivendo um período no cenário brasileiro de intensa repressão, ignorância, de ideologias fundamentalistas propagadas pelo presidente do Brasil, assumidamente machista, LGBTIfóbico e preconceituoso, o que reflete e impacta diretamente na escola.

Além dessa pesquisa, Sayonara Nogueira apresenta outra que foi realizada em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, em 2019, pela Fundação Igualdade LGBTI, com 380 estudantes. Foram aplicados 02 questionários para detectar o nível de assédio e de homofobia. 1. Questionário de violência entre pares no ambiente escolar e 2. Questionário de homofobia entre pares no ambiente escolar. Pesquisou-se também 18 professores e 54 pais, mães e tutores na cidade Santa Cruz de la Sierra.

Resultados



46.1% dos(as) entrevistados(as) indicam que não teriam um amigo(a) homossexual;

Altos níveis de intolerância e exclusão social das pessoas de gênero diverso e orientação sexual;

91,1% dos participantes afirmaram que podem fazer bullying com homossexuais afeminados;

55% dos participantes afirmam ter defendido um companheiro homossexual que era agredido por outros;

Observa-se também na pesquisa com os grupos focais de professores, pais e mães e tutores atos de homofobia;

A homofobia se expressa de maneira mais radical no caso da compreensão da homossexualidade como conduta não natural ou imoral, medo ou rejeição da ideia de um filho(a) homossexual.

Explica que os resultados constataram a presença de violência e a naturalização da mesma. Mais da metade dos participantes reconheceram participar em ações de violência contra os seus pares e 27% da população pesquisada se reconhecem responsáveis por atos de violência; 46.1% dos(as) entrevistados(as) indicam que não teriam um amigo(a) homossexual; 91,1% dos participantes afirmaram que podem fazer bullying com homossexuais afeminados; 55% dos participantes afirmam ter defendido um companheiro homossexual que era agredido por outros.

Observou também, a partir da pesquisa com os grupos focais de professores, pais e mães e tutores, que a homofobia se expressa de maneira mais radical, em que a homossexualidade é entendida como conduta não natural ou imoral, e que essas pessoas tem medo ou rejeição da ideia de um filho(a) homossexual.

Em conclusão, afirma que as professoras trans são mais que professoras, são adultos de referência e devem trabalhar uma pedagogia baseada em Paulo Freire, onde a educação se torna uma ferramenta de emancipação e que os conhecimentos devem ser produzidos de dentro pra fora, a partir dos sujeitos que compõe aquele espaço.

**DIÁLOGO COM
PALESTRANTES**

Facilitadora:

Sayonara Nogueira (IBTE, Brasil).

Palestrante 1:

- Alba Rueda (Ministerio das Mulheres, Gênero e Diversidade, Argentina)

Palestrante 2:

- Alex Castillo (Fundo Internacional de pessoas Trans FIT, Guatemala)

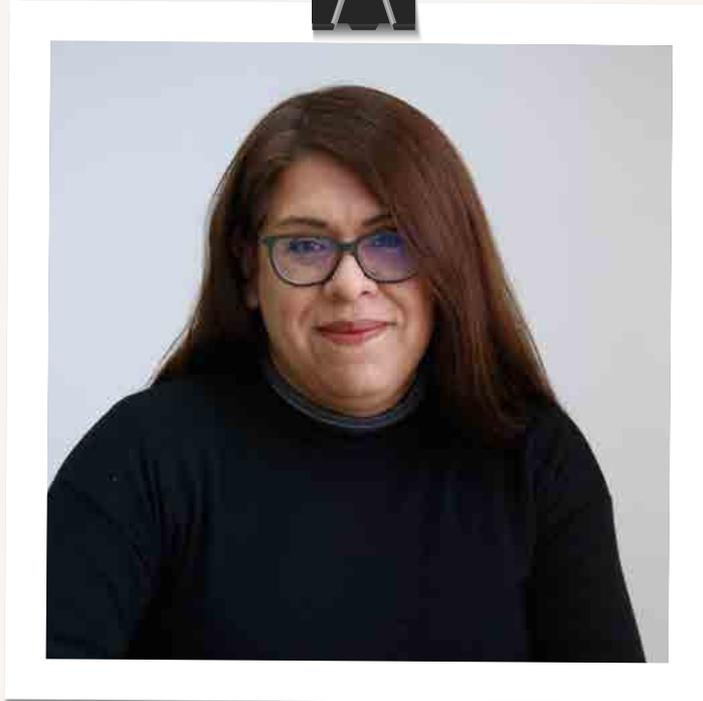


Enquanto facilitadora, Sayonara conduz o diálogo e faz três perguntas as palestrantes. Ressalta que o evento tinha proposição inicial de ocorrer presencialmente no Brasil, mas que devido a pandemia ocorreu virtualmente e que espera que no próximo ano ocorra presencialmente. Sayonara ressalta a importância de visibilizar as experiências trans como forma de se tornarem sujeito da construção da própria história, como atores chave.

Quais foram os principais desafios e dificuldades no início da sua carreira?
Quais são os principais desafios para professores trans?

1





Alba Rueda

Alba Rueda é subsecretária de Políticas de Diversidade do Ministério da Mulher, Gênero e Diversidade da Nação Argentina. Ativista trans integrante da organização social Mulheres Trans Argentina. Pesquisadora em temas relacionados a dissidência sexual no Departamento de Gênero e Comunicações do Centro Cultural de Cooperação Floreal Gorini. integrante do Conselho Assessoria do Observatório de Gênero na Justiça do Conselho de Magistratura do Município de Buenos Aires.

Alba Rueda agradece pelo convite para participar do evento. Alba crê que o primeiro desafio foi concluir os estudos, porque realmente é muito explícita a discriminação e a expulsão das pessoas trans da educação. Para ela, foi muito difícil principalmente na adolescência quando começou a expressar sua identidade de gênero. Alba relata que existem dados que apontam que na adolescência é quando a maioria das pessoas trans iniciam sua expressão de gênero e isso gera violências e torna o trânsito educativo complicado.

Alba entende que a pedagogia é política e que a política é essencial para repensar a educação e mudar a sociedade.

Expressa que a partir das reuniões da Rede de Docentes Trans, uma mudança de perspectiva relacionada a sua forma de pensar a educação acabou ocorrendo, entendendo que para além das violências, a escola é também um espaço de transformação.

Relata que na universidade as disciplinas relacionadas as práticas pedagógicas eram as mais restringidas porque os professores não queriam que ela fizesse essas práticas. Expõe que ser uma pessoa trans fazia com que ela recebesse diversos julgamentos de professores e colegas. Nesse espaço, conta que havia uma avaliação distinta dos outros colegas, que era necessário ser melhor do que os outros para ser avaliada com notas médias. Assim o desafio era enorme para ela.

Alba Rueda ressalta que apesar de na Argentina haver uma lei de identidade de gênero, que há um grande desafio na sua implementação, porque na lei diz que ainda que não ocorra alteração nos documentos oficiais, as pessoas trans tem direito ao uso do nome social. No entanto, as diversas instituições sociais não aceitam o uso do nome social caso não esteja constando a alteração nos documentos oficiais. Essa constatação demonstra que apesar de existir um amparo legal, que sua efetivação na prática não se concretiza.



Alex Castillo

Alex Castillo é cofundador do primeiro coletivo de homens trans da Guatemala, Trans-Formación, que desde 2013 tem trabalhado em ações que o estado guatemalteco negou às pessoas trans: saúde, educação, trabalho e família. Em 2015, Trans-Formación formou a primeira Rede Centro-americana de Homens Trans (REDCAHT), que conecta diferentes coletivos. Em 2019, expandiu-se para a Rede Latino-americana de Coletivos de Homens Trans com incidência em países como México, Cuba, República Dominicana, Peru e Uruguai.

Alex Castillo afirma que está muito emocionado de estar participando do evento, e resalta que integra um coletivo trans que tem membros crianças até pessoas de 58 anos.

Alex Castillo afirma que quer falar do Alex, dele mesmo, das suas experiências, em primeira pessoa.

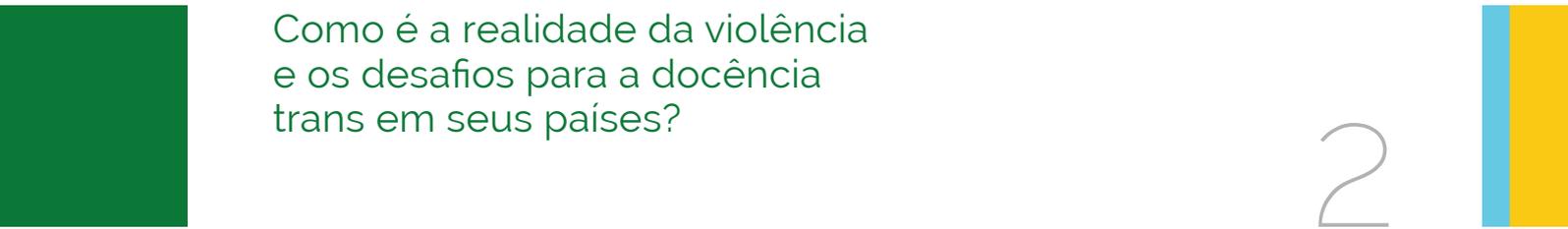
Ao longo da sua vida, comenta que passou 43 anos resguardando sua identidade de gênero, fruto de uma sociedade preconceituosa e violenta, que fez com que Alex resguardasse sua própria identidade de gênero para sobreviver e sofrer menos preconceitos, por muito anos, foi impedido de ser quem é, de expressar quem ele sempre quis ser.

A adolescência marca essa trajetória por estar inserido em um espaço religioso, o que torna essa possibilidade de expressão da identidade de gênero ainda mais perigosa. Então, apesar de tentar esconder essa identidade, ela é percebida e isso produz violências como a expulsão desse espaço escolar quando restava apenas 1 ano para concluir os estudos.

Apesar disso, Alex retorna aos estudos, escondendo sua identidade de gênero para poder concluir a universidade.

Dito isso, indica que na Guatemala, pode fazer alteração do nome nos documentos, mas não do gênero.

Como é a realidade da violência e os desafios para a docência trans em seus países?



2

Alba Rueda aponta que em linhas gerais o sistema educativo argentino tem uma estrutura binária, e que fugir dos currículos que tentam heteronormatizar os corpos trans é um desafio a ser considerado. Esse sistema binário de sociedade (masculino/feminino) impõe violências aos corpos trans, essas violências se produzem nos espaços educativos com expulsões de pessoas trans e o não respeito a sua identidade de gênero.

Nessa perspectiva, o debate sobre a docência trans é capaz de produzir outros paradigmas educativos comprometidos com a diversidade produzindo outros conteúdos e outras possibilidades pedagógicas nos centros educativos.

Por isso, Alba Rueda crê que a reunião de pessoas trans, expondo as experiências docentes de diferentes regiões é essencial para repensar a educação e voltar para a prática docente construindo-a de maneira reflexiva a partir dos aportes oferecidos por meio de eventos como o que ocorreu.

Aponta que é indispensável repensar o sistema educativo, os currículos e conteúdos trabalhados que seguem reproduzindo a heteronormatividade.

Afirma que esse tipo de evento possibilita pensar numa agenda LGBT construída conjuntamente, por isso, defende a necessidade de cada vez mais encontros como meio de construção de ações que modifiquem a educação e promova espaços sem discriminação. Muitas pessoas LGBTI se encontram sozinhas nos espaços educativos, desamparadas de leis ou ações que as amparem, e isso impõe um enorme desafio.

Em vista disso, considera que é preciso pensar os direitos da população LGBTs na sua integralidade, garantindo a permanência das pessoas que habitam o sistema educativo. É por meio da sabedoria das experiências e a forças da coletividade que podemos proteger as pessoas, uma vez que, as leis não vêm protegendo, o que pode ser observado com a implementação da lei de 2006 sobre Educação Sexual Integral que busca transversalizar a perspectiva de gênero em todo o currículo, mas o que ocorre são ações pontuais que não se ampliam para todo o currículo.

Alex Castillo demarca que os estudos apontados por Sayonara e Coletti são radiografias sobre a violência trans na América. Aponta que a América Central carece de políticas públicas para proteção das pessoas trans. Pondera, que essa falta de leis é consequência da colonização e das imposições religiosas fundamentalistas.

No caso da Guatemala, explicita que o país carece de políticas públicas direcionadas a população LGBTI, ressaltando que a partir do momento que não há uma lei de identidade de gênero, corpos trans sofrem silenciamentos e apagamentos, que é como se não existissem ali.

Declara ainda, que na Guatemala, as pessoas trans vivem a triste realidade de serem impedidas de ocuparem espaços escolares, pois, são vistas pela sociedade cisgênero enquanto pedófilos e depredadores sexuais. E que então, pessoas trans atuam como docentes em casos em que instituições internacionais intervêm exigindo formações em espaços como da polícia nacional civil da Guatemala, em que as pessoas trans oferecem capacitação.

Apesar de constitucionalmente qualquer ser humano ter direito a saúde, a educação e a vida, Alex denuncia que esses direitos são negados a população trans e que a vida das pessoas trans não é resguardada e os ataques se tornam cada vez mais fortes.

Nesse sentido, relata que isso pode ser visto pela experiência vivenciada por ele em uma de suas capacitações, em que ouviu que era mais fácil matar todas as pessoas trans do que continuar vivendo com esse tipo de praga. Assim, exprime que o que resta a estas pessoas é seguir na luta pela sobrevivência, fazendo esforços para avançar nos direitos de pessoas LGBTI.

Como a docência trans afeta/impacta a formação dos estudantes?

3

Alba Rueda conta que essa é a parte mais positiva sobre o cenário e diagnóstico referente ao que estamos debatendo e que as professoras trans são potências na capacidade de educar para a diversidade e de produzir outras pedagogias. Destaca que seus estudantes têm com muita nitidez o debate sobre os preconceitos, sempre que os expressam, Alba dialoga com eles sobre isso.

Comenta ainda, que os corpos trans dentro das instituições é transformador das realidades educacionais, além de ser imprescindível. Outrossim, que precisa ter mais participação das pessoas trans dentro dos sistemas educativos e que essa participação e presença é essencial por ser capaz de enfrentar os preconceitos.

Alba narra que quando ela pensa nessas potencialidades ela afirma que volta a acreditar na possibilidade de emancipação social e na libertação da sociedade. Quando falamos dos corpos trans dentro do sistema educativo, entendemos que temos consciência sobre a violência que temos sofrido para habitar esses espaços. Assim, diz que as experiências trans trazem uma pedagogia afetiva capaz de desconstruir preconceitos e pensar uma outra possibilidade de sociedade e que pensar a homofobia e transfobia dentro dos sistemas educativos é essencial.

Dito isso, Alba Rueda entende que o corpo trans deve ocupar espaços, fazer parte da tomada de decisões, devendo também trabalhar agendas políticas, criar alianças. Ainda propõe que existam cotas de pessoas trans nos âmbitos educativos, para humanizar esses espaços.

Alex Castillo diz que se sente fascinado quando pensa nas pessoas trans como sujeitos e não como objetos. Aproveita isso para questionar porque as pessoas cisgênero seguem pensando sobre as pessoas trans, já que as pessoas trans são capazes de pensar por si só.

Alex conta da experiência de aproximação com um grupo de estudantes de medicina que se interessavam em entender mais sobre a saúde trans e sobre direitos humanos. Essa experiência foi impactante e importante porque essas pessoas estavam interessadas em entender os direitos das pessoas trans, debater sobre hormonização e outras questões específicas das pessoas trans, por estarem sensibilizados com a violência vividas por esses corpos. Então, eram pessoas trans falando em primeira pessoa sobre suas experiências sobre suas histórias de vida, e isso é essencial: a valorização das experiências trans.



Pergunta dos participantes:

Quais são os fatores que ocasionam disparidades de políticas públicas na Guatemala e na Argentina para a população trans?

Alba Rueda, conta que existem muitas diferenças internas dentro da própria Argentina, o que pode ser notado com uma recente decisão da corte suprema autorizando um estado argentino a trabalhar educação religiosa nas escolas desse estado.

Relata que há uma grande disputa pelos grupos religiosos para inserir a educação religiosa nas escolas públicas do país e que existem enormes assimetrias entre os diferentes estados da Argentina, o que torna a questão dos direitos trans e a violência mais grave em algumas regiões.

Apona que um grande desafio é que nem sempre os movimentos feministas tem sido apoiadores das pessoas trans. Muitas vezes, as pessoas trans são retiradas das agendas políticas feministas. Então, o desafio é muito grande, precisamos pensar em agendas amplas, em alianças, em políticas públicas nacionais, como a das cotas trans, que foram essenciais para inserir pessoas trans no âmbito institucional. Nesse cenário de disputas, as pessoas trans encontram-se desfavorecidas, e isso se agrava em algumas regiões que sofrem maiores influências religiosas.

Alex Castillo aponta que o primeiro problema é o reconhecimento da identidade trans, mesmo que a OEA tenha recomendado esse reconhecimento ele ainda não ocorreu. As pessoas trans vivem desprotegidas, são vítimas de violência constantemente. As igrejas com seus fundamentalismos tem sido os maiores violentadores de direitos humanos. Há um estado genocida e corrupto como o estado de Guatemala. Essas são as barreiras enfrentadas pelas pessoas trans na Guatemala.

Sayonara conclui ratificando que devemos ser referência e pautarmos pelas teorias de Paulo Freire e construirmos uma educação emancipadora, uma educação como prática de liberdade que preze pela construção e valorização dos conhecimentos trans.



Questão a discutir

Nos identificamos com os desafios e dificuldades apresentadas pelas palestrantes; e / ou há outros que não foram nomeados/citados e que existem em nossos contextos / países?

1

Grupo 1: - O principal desafio é a estrutura binária da educação, a heterossexualidade compulsória e os currículos excludentes. Precisamos construir currículos comprometidos com a diversidade, com as pluralidades, comprometidos com a equidade de gênero. Nesse sentido, é essencial inserir essas discussões nos currículos escolares, que gênero e sexualidade se torne um tema transversal que perpassa todas as áreas do conhecimento. Precisamos garantir que as pessoas trans tenham acesso aos banheiros, uso de uniformes escolares e acesso a todos os espaços divididos por gênero de acordo com sua identidade. Além disso, ressaltam que a educação física é um dos piores momentos para quem é trans, porque há uma divisão binária da prática esportiva.

Trabalho em equipe



Grupo 2: - Um dos desafios é a formação de professores / professoras, pois ainda existe uma abordagem patologizante. É necessário que as políticas públicas sejam integrais. Ainda há uma imagem estereotipada na mídia, que refletem uma tendência ao binário. No caso das transmasculinidades, essas pessoas sofrem violências, além disso, são forçadas muitas vezes por autoridades a se submeterem a terapia de conversão. Sendo assim, propõem sistemas de avaliação de qualidade para os países da região, onde se identifiquem as variáveis de direitos humanos, expressão de gênero, identidade e orientação sexual.

Palavra Final



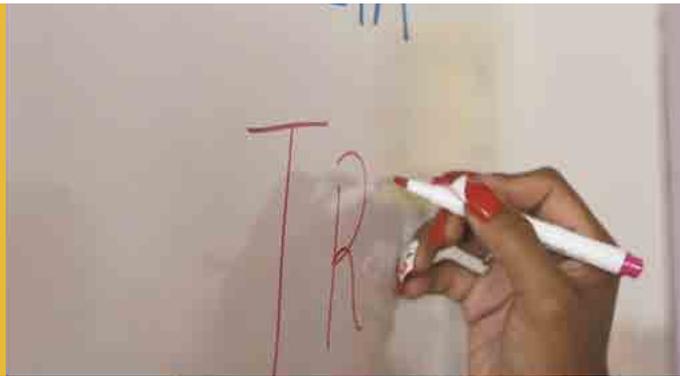
María Victoria Tavieres Castro é subsecretária de Diversidade da Província Terra do Fogo, Argentina. Pertence ao coletivo 100% Diversidade e Direitos, integrante da Rede Ibero-americana de Educação.

María Castro agradece a RIE-LGBTI pela oportunidade de escutar companheiras de diferentes espaços e organizações. Afirma que se sente muito contente em poder escutar cada pessoa hoje no evento, isso está relacionado com compartilhar saberes e de visibilizar as próprias vozes das pessoas trans. Nesse sentido defende ser necessário construir agendas conjuntas. María Castro entende que esses espaços que são produzidos servem para poder gerar conhecimentos e agendas potentes capazes de promover a ampliação de direitos. Acontecimentos como esse, dão a ela muito orgulho, porque possibilita as professoras trans a voltarem as salas de aula levando todos esses apontamentos feitos hoje, construindo práticas baseadas no amor e na liberdade. Quando uma travesti entra na universidade, é uma travesti que muda sua realidade, mas quando muitas travestis entram na universidade, provocam mudanças em toda a sociedade. Nesse sentido, aponta que os estudantes precisam das vozes das pessoas trans e de sua presença nos espaços escolares. Por fim, agradece o compartilhamento das experiências distintas e diversas de diferentes localidades.



Finalização George Hale

George Hale agradece a todos por fazerem parte do evento. É posto um vídeo. Transformando a Docência. Como as professoras trans realizam seu sonho de ser professoras e como esse corpo trans modifica a prática docência e o espaço educativo.



Relatoria / Dia 03

28 DE NOVEMBRO DE 2020, SÁBADO

3º Encontro dos Principais Atores da Educação e Diversidade Sexual e de Gênero. Gerando referências: Diversidade sexual e de gênero no contexto educacional



Sessão

A carreira de suas vidas no sistema educacional

Pontos fortes e oportunidades na prática profissional do ensino trans na Ibero-América



Boas – vindas

Lidia Delgado. Coordenadora da Área de Cooperação para o Desenvolvimento da Fundación Triángulo durante 11 anos. É formada em Serviço Social pela Universidade Pablo Olavide de Sevilha, especialista universitária em Direitos Humanos pela UNED e especialista em Gênero e Desenvolvimento pela Universidade Complutense de Madrid. Toda a sua carreira profissional esteve ligada à defesa e a promoção dos direitos humanos. Pertence ao comitê assessor da Rede Ibero-americana de Educação LGBTI desde sua origem.

Lidia Delgado agradece por poder participar de um evento tão importante, que é a visibilização das docências trans. Esse ano a RIE-LGBTI completa 10 anos de trajetória, ela recorda estar no escritório da Fundação Triangulo e os passos iniciais da RIE-LGBTI. Esses passos iniciais se converteram em grandes projetos a

partir do contato com outras pessoas sensíveis a causa e do trabalho em conjunto. Quando começaram a RIE-LGBTI não imaginaram que chegaria onde chegou e que isso é muito gratificante, porque a RIE-LGBTI é importantíssima na geração de campanhas, de pesquisas que produzem matérias essenciais para repensar a educação. Lidia ressalta que é muito importante que as pessoas trans ocupem esse espaço de centralidade das discussões. Por fim, agradece a todos, todas e todes, e diz que terminado esse encontro começarão a pensar no encontro do próximo ano.

Saudação Institucional

Comisaria Flavia Piovesan. Relatora sobre os direitos das pessoas LGBTI da CIDH, Brasil. É membro da Comissão Inter-americana de Direitos Humanos (CIDH) desde 2018 e relatora sobre os Direitos das Pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexuais. É professora de Direito Constitucional e Direitos Humanos na Universidade Católica de São Paulo desde 1991, professora do programa de doutorado da Universidade de Buenos Aires, e professora da Academia de Direitos Humanos da Faculdade de Direito da American University, nos Estados Unidos.

Flávia Piovesan agradece a RIE pelo convite para participar do encontro e afirma que a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) tem enquanto função a promoção e a proteção dos direitos humanos nas américas.

Aponta que desde a relatoria LGBTI a CIDH adotou três informes:

- Sobre violência contra pessoas LGBTI
- Em 2019, o reconhecimento desses direitos LGBTIs, avanços e desafios
- Em 2020, informes sobre pessoas trans, direitos sociais, econômicos e culturais

Para a CIDH, os direitos a educação e o direitos ao trabalhos são direitos humanos, direitos de empoderamento que impactam no exercícos dos demais direitos, mediante ao direito ao trabalho e a educação é possível desconstruir os ciclos de violências e exclusões, avançando no sentido da inclusão de todes, todas e todos.



**DIÁLOGO CON
PANELISTA**

Facilitação:

Collete Spinetti (CTU, Uruguai)

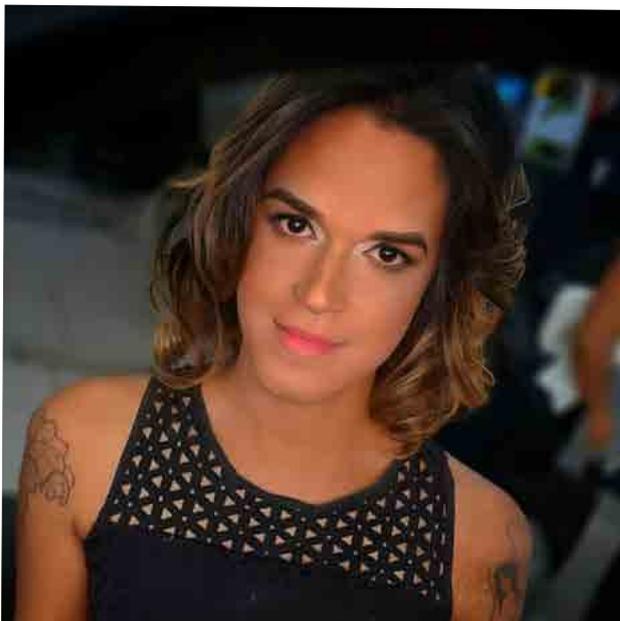
Palestrante:

- Sayonara Nogueira (Brasil)
- Bruno Montenegro (Peru)
- Dayanna Louise (Brasil)

Collette Spinetti agradece o convite para participar do evento, pela valorização das experiências docentes de professoras trans e o reconhecimento de que elas são pessoas de direitos. Assim, afirma que o temas a serem tratados são sobre fortalezas, oportunidades e também políticas públicas.

Qual é a força pessoal como professor trans? Quais são os pontos fortes da comunidade docente trans?

1



Dayanna
Louise

Dayanna Louise é Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), é professora da rede estadual de ensino há 12 anos. Coordenadora da unidade para as relações de gênero e sexualidade da secretaria de educação e esporte de Pernambuco.

Dayanna agradece o convite para participar do evento. Diz que a docência não surge na sua vida na infância, ela dizia que queria ser apresentadora de TV, esse relato é apresentado durante uma aula na sua infância em que rompendo com as normas sociais, já se identificava enquanto menina naquele momento, por isso, quando questionada por uma professora, ela dizia que queria ser apresentadora. Essa trajetória é marcada por violências, transfobia e agressões físicas. Então, quando questionada se ela queria ser professora, ela diz que não, que desejava se formar e nunca mais voltar a escola.

No entanto, na região em que ela morava, no interior, só haviam cursos para formação de professores, o que a faz ingressar no curso de história. Foi então que formada, ao ser aprovada em concurso público para docente, ela começou a dar aulas. Nessa experiência ela conheceu uma aluna travesti negra, essa aluna, chamada Janaína, ao ser perguntada o que queria ser quando crescer, respondeu que queria ser professora. Um certo dia, Janaína parou de estudar. Os colegas de trabalho disseram que isso tinha demorado a acontecer, porque esse tipo de pessoas não gosta de estudar. Depois disso, ela descobre que Janaina sumiu porque tinha sido assassinada.

Esse fatídico acontecimento comove Dayanna e a sensibiliza para a necessidade de mudar a educação, em lutar contra esse sistema que extermina esses corpos dissidentes. Dayanna, pensa que a Janaína hoje poderia ser mais uma professora, mas teve seu sonho ceifado ao ser assassinada. Então, hoje, sua luta é para que todos os corpos dissidentes, tenham direito de contar sua história em primeira pessoa. Que esses corpos não sejam só dados de LGBTIfobia. E, a potência de ser professora, está aí, em possibilitar que outros corpos possam sonhar.





Bruno Montenegro

Bruno Montenegro é produtor audiovisual e ativista LGBTI. Estudou Comunicação na National University of Santo Agostinho de Arequipa. Fundador e atual coordenador da Fraternidad Trans Masculina - Perú. Fundador e membro da Rede Arequipa LGTB. Gestor da Reforma Trans na UNSA, a primeira universidade pública a implantá-la. Seu primeiro documentário curto, chamado "Casarnos", obteve o 1º Prémio de Melhor Curta Nacional no último Festival International de Cinema Outfest LGBTIQ + 2020 do Peru. Além disso, foi reconhecido pelo Ministério da Justiça e Direitos Humanos pelo seu trabalho na promoção do direito à identidade e o uso do nome social de pessoas trans.

Bruno Montenegro agradece pela organização do evento, essencial para visibilizar as experiências docentes trans. Bruno acredita que a principal fortaleza da docência trans é a resiliência, a capacidade de vencer obstáculos e ir adiante principalmente por tudo que as pessoas trans vivem.

No seu caso, um estudante trans, ele conta que não tem seu nome social respeitado em muitos espaços sociais, porque enquanto estudante não tem condições para dar entrada no processo de alteração da documentação. Bruno disse que quando ingressou na universidade corriqueiramente enfrentava problemas para entrar nela, porque diziam que no documento não era ele, que ele estaria falsificando um documento. Isso, impossibilitava que ele muitas vezes entrasse na universidade.

Apesar disso, muitos docentes respeitavam e perguntavam como ele queria que ser chamado. Bruno ainda relata que durante as práticas docentes uma professora o tratou na frente de todos com o nome do documento de identificação.

Todavia, muitos colegas o apoiaram, fizeram abaixo assinado para que respeitassem o nome social dele e de outros estudantes, e isso foi aceito e aprovado.

Bruno entende que é preciso usar toda violência como força para provocar mudanças sociais, toda essa indignação para construir um mundo mais igualitário em que as pessoas trans não tenham que passar por todas as dificuldades que passam.

Por fim, afirma que as pessoas trans que acessam o ensino superior devem se sentir privilegiadas porque muitas pessoas trans não têm essa oportunidade e devem se comprometer em lutar para que todas tenham esse direito.



Sayonara Nogueira, agradece por poder participar do evento. Afirma que ser docente não era sua primeira opção e que viveu os anos finais da ditadura militar no Brasil, e isso refletia em seu pai querer que ela fosse sargento do exército, e sua mãe querer que fosse advogado. Todavia, apesar de não se identificar enquanto homem, tampouco como mulher cis e se identificar como travesti, que ela se aproxima da professora mulher como referência. E então, ela decide a partir disso ingressar na universidade para uma carreira com amplas possibilidades, dentre elas a de docência, que é o curso de geografia. Ela é aprovada em uma universidade pública em primeiro lugar, na Universidade Federal de Uberlândia. E, nessa caminhada, no estágio supervisionado, na prática docente, ela se apaixona pela docência, apesar de ter muito medo de como seria uma professora travesti no universo escolar. É aí que ela encontra outras professoras trans, como a Edna, e começa a pesquisar como era vida dessa professora e descobre que sua identidade de gênero não era respeitada, que ela era tratada pelo gênero masculino.

Sayonara conta ainda que para ingressar nesse universo escolar precisou se destransicionar, aceitando a cisgeneridade, para depois, só quando ingressa na escola, com o passar do tempo, ela construir a sua identidade travesti. Ela sai de férias como professor Marcos e volta no próximo ano como Sayonara, de cabelos longos, de batom e maquiagem.

Em sua prática docente, Sayonara usa Paulo Freire reinterpretando suas ideologias a partir das experiências trans, trabalhando a Pedagogia do Salto Alto, em que professoras trans se tornam adultos de referência.

Desenvolve também, a Pedagogia da Afetividade, em que os estudantes se tornam aliados dela, enquanto rede de proteção.

Em relação aos professores, colegas de trabalho, ela aciona e cria a Pedagogia do Deboche, em que ela debocha da transfobia dos colegas e vai desconstruindo essas violências.

Para Sayonara o corpo trans fala e promove uma educação inclusiva ainda que em pequena escala.

Relata que estudantes LGBTs começaram a se matricular nas escolas em que ela dava aula, porque se sentiam protegidas com ela ali.

Ressalta que no Brasil tem muitas professoras trans e que isso é muito importante porque se tornam referências e abrem caminhos para que outras também se tornem professoras.

Como é a realidade, em termos de potencialidades e oportunidades, da docência trans em seus países?

2

Sayonara Nogueira diz que o maior problema no Brasil é o governo conservador do presidente Bolsonaro que vem cooptando e tentando desconstruir os movimentos sociais.

Expressa que no Brasil tiveram avanços nos governos de esquerda de Lula, com o programa Brasil Sem homofobia e que esses avanços vão somente até o golpe patriarcal, machista dado pelos movimentos conservadores que retiram uma presidente democraticamente eleita, Dilma Roussef, do poder. O que barra os avanços que os movimentos sociais vinham tendo nos últimos anos. Após isso, há um desmonte de inúmeros avanços conquistados nos governos de Lula e Dilma, como a desconstrução da Secretária de Diversidade dentro do Ministério da Educação. Assim, o governo Bolsonaro é marcado por inúmeros retrocessos.

Sayonara defende que devem existir além de políticas públicas para acesso das pessoas trans na educação, também políticas de permanência

Ressalta ainda que a escola age para expulsar todo o corpo que rompe com o padrão, e que transgride a norma, seja ele gordo, negro ou trans. Então, a professora trans é capaz de repensar esse espaço, de enfrentar esse conservadorismo e de sensibilizar a comunidade sobre a essencialidade de construir uma educação mais humana.

Bruno Montenegro relata que no Peru existem avanços e retrocessos. Há um movimento conservador que vem tentando impedir que um currículo que preze pela diversidade e que toque nas questões de gênero seja aprovado. Essa possibilidade de aprovação do currículo vem enfrentando rechaço dos movimentos conservadores que dizem que as pessoas querem homossexualizar as crianças.

Nesse sentido, conta que os movimentos conservadores utilizam de informações falsas e sensacionalistas para despertar o medo na população e colocar a sociedade contra os debates de gênero na educação.

Bruno exprime que a educação sexual integral não é ensinada no Peru e no mundo, porque as pessoas têm medo desse debate, medo de que a heterossexualidade compulsória seja colocada em risco.

Entretanto, na educação superior vem acontecendo avanços por meio da Reforma Trans, que permite que as carteirinhas dos estudantes constem os nomes escolhidos pelos estudantes. Assim, essas mudanças são essenciais para que as pessoas trans se sintam mais seguras e sejam respeitadas dentro das universidades. Essa Reforma Trans ocorre em diferentes universidades do país, desde a que ele estuda, a Pontifícia Universidade Católica e entre outras. Assim, como estudante trans, acredita que seja essencial que as pessoas trans ocupem espaços de decisão para que os avanços nos direitos das pessoas trans sigam acontecendo.

Dayanna Louise expõe que no Brasil vive-se um momento delicado referente as questões de gênero e sexualidade, porque os discursos conversadores vêm avançando em seu país, fato que pode ser visto com as frentes políticas religiosas fundamentalistas denominadas "bancada da bíblia". Diante disso, o bolsonarismo, movimento em apoio as medidas radicais conservadoras do presidente do Brasil, Bolsonaro, vêm avançando na sociedade. Denuncia que em pronunciamento, uma ministra do governo disse que no Brasil vive-se uma nova era, onde meninos usam azul e meninas usam rosa e que o estado pode ser laico, mas a ministra é terrivelmente evangélica. Além disso, um membro do Ministério da Educação disse não ser a favor de docentes trans nas salas de aulas. Porque elas influenciam os estudantes a se tornarem homossexuais.

Porém, no estado do Pernambuco, Dayanna que ocupa o cargo de coordenadora da unidade para as relações de gênero e sexualidade da secretaria de educação e esporte de Pernambuco, vem enfrentando esses discursos, construindo uma educação para a diversidade, propondo ações como a defesa do uso do nome social nas escolas estaduais de Pernambuco. Assim como ela vem produzindo enfrentamentos, aponta que outras instituições, organizações, movimentos sociais e coletivos de todo o Brasil também estão lutando pelos direitos trans, enfrentando essas violências e fazendo um papel essencial na tentativa de barrar essa onda conservadora.

Dayanna narra que ela foi a primeira aluna de mestrado em educação do programa de pós graduação da Universidade Federal de Pernambuco, e que essa presença significa uma afronta a esse sistema que tentou dizimar ela da escola.

Assim, quando uma pessoa trans chega na educação, chega na universidade e produz pesquisas, significa que são pessoas trans produzindo suas próprias narrativas, contando sua própria história, apesar de existir um sistema que tenta apagar e silenciar as pessoas trans.

O que a docência trans contribui para a batalha cultural?

Sayonara Nogueira diz que em seu ponto de vista a docência trans amplia horizontes pela sua capacidade de trabalhar em redes, pela sua capacidade de dar a mão a outras pessoas que precisam.

Sayonara cita o caso de uma professora trans, que se sentia segura em fazer estágio na escola em que ela trabalhava, porque ela seria um escudo para ela.

Com isso, diz estar cansada de só falar para dentro dos movimentos sociais e que é necessário falar para fora do movimento LGBTI, falar com as pessoas cisgênero, porque ela acredita que é preciso atingir outras pessoas que ainda não foram sensibilizadas com a necessidade de construir uma educação mais humana, um mundo sem violências e preconceitos. Nessa perspectiva, expressa que foi convidada pela Dayanna Louise a dar uma palestra para aproximadamente 200 pessoas cisgênero em Pernambuco, e que quando ela fala para essas pessoas que não tem conhecimento sobre a importância da construção de uma educação inclusiva, ela sensibiliza essas pessoas e desperta esse olhar para a construção de uma educação comprometida com a liberdade.

Ela ainda expõe que é essencial trabalhar esses temas transversalmente, que a diversidade seja parte de todas as disciplinas do currículo escolar.

Sayonara propõe que façamos constantes reflexões sobre nossas próprias práticas docentes e sociais para que sempre continuemos desconstruindo paradigmas.

Bruno Montenegro indica que a comunidade trans na educação é capaz de tornar visíveis as possibilidades de ocuparem outros espaços, como da educação superior. Assim, é essencial a presença de docentes trans para romper paradigmas.

Aliado a visibilização, a construção de políticas públicas é essencial para mudar a sociedade. As pessoas trans precisam ter força para enfrentar as violências e gerar mudanças sociais.

Defende que as pessoas trans não podem desistir, porque caso desistam, as coisas seguirão como estão.

Bruno conta que nos últimos anos tem visto avanços nas organizações em prol dos direitos LGBTIs, como a organização de coletivos de estudantes adolescentes LGBTIs, o que antes era visto somente por pessoas adultas. Assim, essa nova geração de ativista é essencial para seguir mudando e repensando a sociedade.

Dayanna Louise fala desde sua atuação entendendo que os lugares que ela ocupa são indispensáveis para desconstruir estruturas.

O seu corpo trans é um corpo protesto e que produz fissuras na cisnormatividade.

Ressalta que enquanto coordenadora da unidade para as relações de gênero e sexualidade da secretaria de educação e esporte de Pernambuco ela tem produzido ações buscando quantificar o número de estudantes trans fazendo uso do nome social e entender como as políticas públicas construídas sobre os direitos trans tem sido aplicada efetivamente na sociedade e nas escolas. Esse trabalho é feito ouvindo as próprias estudantes, que expressam se essas ações chegam verdadeiramente a elas.

É importante que os estudantes vejam que as pessoas trans estejam em outros lugares que não só naqueles estabelecidos socialmente pelos estereótipos, então quando elas ocupam os espaços da docência elas mostram que também podem estar lá.

Assim, ela entende que a formação é essencial para mudar as realidades.

Relata que no estado de Pernambuco gênero e sexualidades são tidos enquanto eixos integradores do currículo, o que significa que esses temas transversalizam o currículo sendo abordados em todas as disciplinas.

Em sua prática, conta que promove ações como a produção de matérias sobre a população trans e festivais de filmes itinerantes dentro das escolas, filmes produzidos por pessoas trans. Além de promover encontros de estudantes travestis, como o que vai ocorrer em dezembro de 2020.

Dessa maneira, destaca que a presença de docentes trans na educação é muito significativo porque desencadeia novas perspectivas e novos olhares sobre a educação.

É salutar pensar que num país que lidera o índice mundial de violência contra pessoas trans, a ocupação do espaço escolar são como pequenas revoltas que desestabilizam o sistema normativo de gênero.



Collette Spinetti encerra as palestras agradecendo sobre o evento e diz que em resumo o corpo trans segue resistindo, segue gerando mudanças em nossa sociedade e abrindo caminhos.

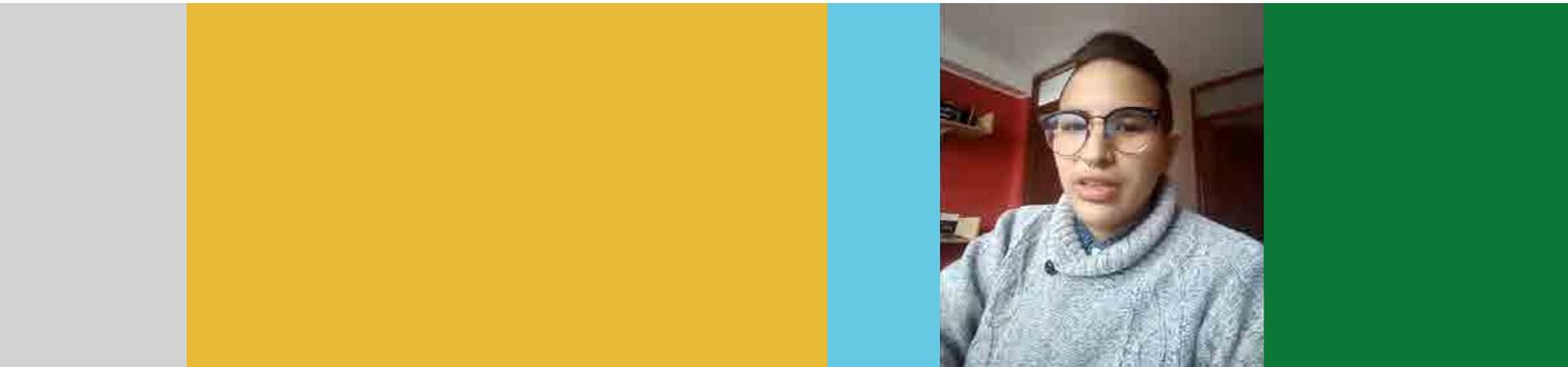
Trabalho em equipe

Questão a discutir

Nos identificamos com os pontos fortes e oportunidades apresentadas pelos palestrantes; ou existem outros que não foram nomeados e que existem em nossos contextos / países?

1

Grupo 1: O sistema educacional vem perpetuando os ideais calcados na cisgenderidade e os corpos trans são essências na desconstrução desse sistema. É apontado que o nome social é essencial, mas é a ponta do problema, se faz necessário pensar na dignidade da pessoa trans na sua integralidade, no respeito em todas as instâncias. É necessário encontrar brechas no currículo oficial e nas normas nacionais para a educação no Brasil, para introduzir a perspectiva LGBTI. É preciso pensar em ações para além do estado, em pequenas ações que visem a formação das pessoas trans que estão fora da educação e dos movimentos sociais, para que elas tenham consciência de si e entendam a importância dessa luta.



Grupo 2: Valorizar o poder das coincidências e não das diferenças. Geração de alianças entre professores a partir das dissidências (agregando todo o espectro LGBTI)

- Geração de múltiplos espaços de debate, pensamento a participação nas instituições de ensino (especialmente universidades) que favoreçam a participação múltipla e maior visibilidade.
- Aprofundar a geração de protocolos internos nas universidades que tornem visíveis e respeitem os direitos dos professores e alunos trans.
- Trabalhar nos diferentes espaços essas questões, como sindicatos de professores, organizações estudantis e instituições paralelas ao sistema educacional. No caso do Peru, esses espaços podem ser permeáveis.
- É importante que os porta-vozes das questões trans sejam as pessoas trans, pois isso aumenta o impacto da fala.
- Estudar a possibilidade desses debates incidirem no conselho ibero-americano ou latino-americano de universidades (informações sobre o conselho neste site <https://www.grupolarabida.org/>).



Finalização



George Hale, reflete que gerar conhecimento trans é essencial no enfrentamento do sistema cisheteronormativo, esse encontro é importante para que as pessoas trans construam sua própria epistemologia e seus próprios conhecimentos.

Assim, expressa que as professoras trans são essenciais para repensar o preconceito arraigado, abrir espaços para discussões e construir possibilidades para que outras pessoas ocupem esses espaços.

George Hale conta que o terceiro dia de encontro teve como objetivo focar as fortalezas e oportunidades das docências trans para que produzam práticas docentes exitosas.

George ainda fala dos 10 anos de existência da RIE-LGBTI e diz que é muito bom fazer parte de um projeto que tem impacto social, que produz debates sobre questões tão importantes, como a docência trans e a construção de uma educação inclusiva.

Além disso, ressalta que os corpos trans, as professoras trans dão um toque diferente a educação e que elas estão salvando vidas, de crianças, adolescentes e outras professoras.

George Hale afirma que as exposições foram muito ricas e que as fortalezas identificadas pelas palestrantes apontam que as realidades são muito distintas em cada país. Enquanto em alguns países temos avanços significativos, em outros nem tanto. Essas especificidades são essenciais na criação de uma agenda que promova avanços consistentes e reais.

Aproveita o momento para divulgar o trabalho desenvolvido por Daniel Henrique de Oliveira Silva sobre as trajetórias de docência de professoras trans brasileiras, que estará disponível no site da RIE-LGBTI.



Por fim, agradece a todos que estiveram envolvidos na construção do evento, organização, financiamento, apoio, comentaristas, palestrantes, relatoria, suportes, intérpretes de sinais, intérpretes de tradução. Diz que espera a todos, todas e todes no 4º encontro no próximo ano. Agradece principalmente as pessoas trans docentes que são as protagonistas desse evento e que são essenciais na construção de uma escola mais inclusiva. Ao final, exibe um vídeo "conto com você", em que fala que estudantes contam com os professores para que não sofram preconceitos, violências, tenham sua identidade respeitada e que possam praticar os esportes que desejam na educação física.

Considerações:

A violência e o sofrimento enfrentado pelas pessoas trans nos diferentes espaços da nossa sociedade e especialmente na educação são evidenciados ao longo desse encontro por meio dos relatos das experiências de professoras e professores trans.

Inserir-se na educação enquanto docente, significa vencer uma série de barreiras e obstáculos, driblar restrições, superar adversidades, entraves e incômodos.

Esses tortuosos caminhos se tonam na prática docente de professores e professoras trans fortalezas que as possibilitam ver a educação a partir da resiliência, percebendo a escola como lugar de transformação social.

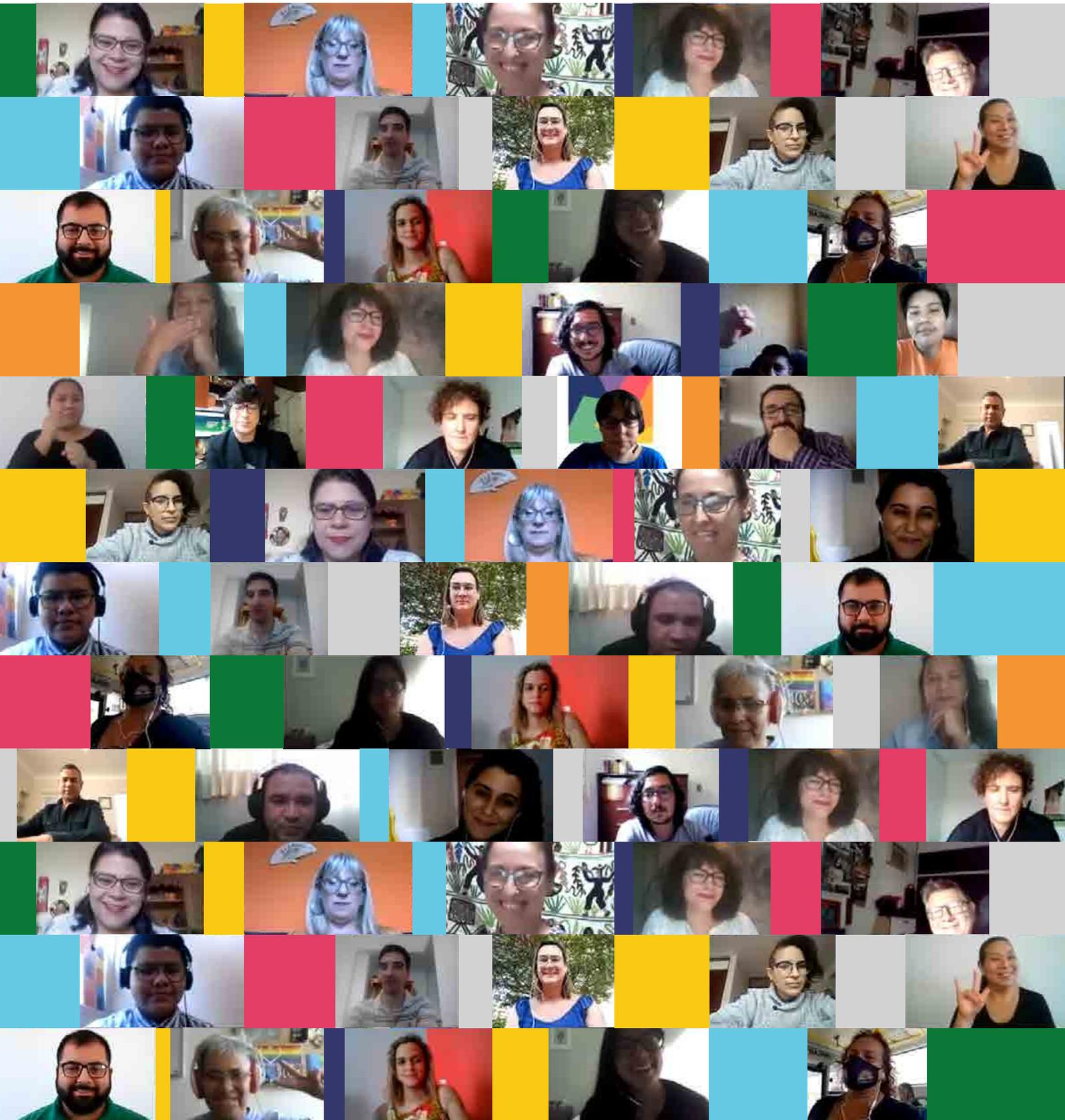
Assim, as experiências se apresentam como plurais, diversas, permeadas por particularidades entre cada país que narra suas vivências, dentro dos próprios países as realidades parecem ser complexas e distintas. Por isso, para se pensar em ações é necessário levar em consideração as singularidades de cada país e de cada região.

É uníssono que em todos os países, seja Espanha, Argentina, Colômbia, Chile, Peru, Bolívia, Guatemala, Uruguai ou Brasil que as pessoas trans sofrem preconceitos e violências. É consonante que a prática docente de pessoas trans humaniza o espaço escolar e possibilita a criação de uma educação sensível, humana, diversa, plural, comprometida com a liberdade e a proteção de todos que sofrem algum tipo de preconceito.

Nas exposições foi levantado que é necessário:

- Repensar os currículos escolares e inserir discussões relativas as diversidades nos espaços educativos de forma transversal que se integre em todo o currículo;
- Construir políticas de cotas para pessoas trans se inserirem nas universidades;
- Garantir acesso e permanência integral de pessoas trans nas escolas e universidades;
- Ficarmos atentos para que a pandemia não agrave as desigualdades mundiais;
- Criar agendas políticas conjuntas de enfrentamento a transfobia;
- Estabelecer alianças com os diferentes movimentos sociais, trabalhando a partir das interseccionalidades;
- Promover encontros em que pessoas trans possam compartilhar suas experiências com professores e professoras de diferentes partes do mundo, com objetivo de repensar a próprias práticas docentes e de propor ações coletivas;
- Valorizar as epistemologias trans;
- Visibilizar as experiências docentes de pessoas trans;
- Produzir cursos de formação dentro da comunidade LGBTI, sensibilizando e criando aliados na construção de um mundo justo e igualitário;
- Expandir os debates para além do meio LGBTI e da militância, para que cada vez mais pessoas tenham acesso da importância desses debates;
- Produzir pesquisas, documentos, relatórios, livros e materiais que narrem as histórias de vida e experiências docentes de travestis e transexuais de diferentes países, permitindo conhecer singularidades e visibilizar a prática docente de professoras e professores trans;
- Enfrentar a onda conservadora que se espalha por todo o mundo.







**SI HAY
UN DESTINO...**
ESE SERÁ QUE
CONVIVAMOS



FINANCIA



INTEGRANTES:

